

SORAIA FERNANDES DA COSTA

**Avaliação do Potencial Ecoturístico da Reserva
Particular do Patrimônio Natural (RPPN) do
Caraça - MG**

VIÇOSA

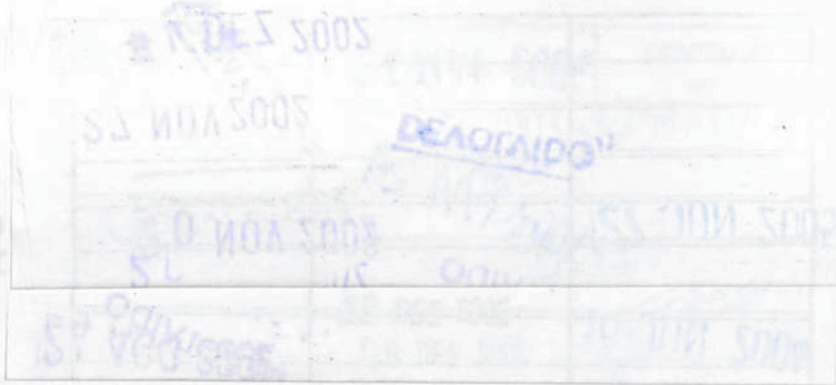
MINAS GERAIS - BRASIL

NOVEMBRO - 1998

918

a

SORAIA FERNANDES DA COSTA



AVALIAÇÃO DO POTENCIAL ECOTURÍSTICO DA RESERVA PARTICULAR DO PATRIMÔNIO NATURAL (RPPN) DO CARAÇA-MG

Tese apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do curso de Ciência Florestal, para a obtenção do título de *Magister Scientiae*.

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e Classificação da Biblioteca Central da UFV

Tese apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do curso de Ciência Florestal, para a obtenção do título de *Magister Scientiae*.

BIBLIOTECA CENTRAL
- UFV -
146.332
28-01-99

T
634.918
C837a
1998
ex 1

UFV BIBLIOTECA BBT ISBN RG000790395
CLASSIFICAÇÃO T 634.918 / C837a / 1998
TÍTULO Avaliação do potencial ecoturístico da Res
141332 BBT

VIÇOSA
MINAS GERAIS - BRASIL
NOVEMBRO - 1998

DOAÇÃO

**Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV**

T

C837a
1998

Costa, Soraia Fernandes da, 1971-
Avaliação do potencial ecoturístico da Reserva Particular
do Patrimônio Natural (RPPN) do Caraça, MG / Soraia Fer-
nandes da Costa. – Viçosa : UFV, 1998.
74p. : il.

Orientador: José Henrique Shoereder
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa

1. Ecoturismo - Caraça (MG). 2. Reserva Particular do Pa-
trimônio Natural do Caraça - Ecoturismo - Avaliação. I. Uni-
versidade Federal de Viçosa. II. Título.

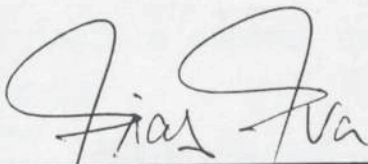
CDO adapt. CDD. 634.918

SORAIA FERNANDES DA COSTA

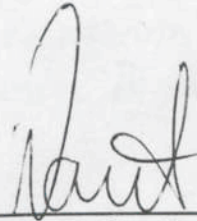
**AVALIAÇÃO DO POTENCIAL ECOTURÍSTICO DA RESERVA PARTICULAR
DO PATRIMÔNIO NATURAL (RPPN) DO CARAÇA-MG**

Tese apresentada à Universidade
Federal de Viçosa, como parte das
exigências do curso de Ciência
Florestal, para a obtenção do título
de *Magister Scientiae*.

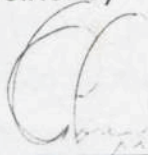
APROVADA: 12 de agosto de 1998.



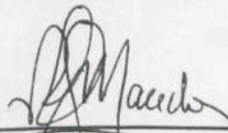
Prof. Elias Silva
(Conselheiro)



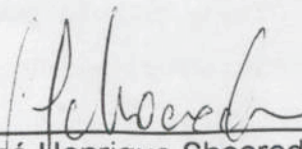
Prof. Wantuelfer Gonçalves
(Conselheiro)



Prof. Gumercindo Souza Lima



Prof. Renato Luiz Grisi Macedo



Prof. José Henrique Shoeder
(Orientador)

AGRADECIMENTO

A Deus, por estar presente e por iluminar todos os meus caminhos na busca deste livro.

A Deus.

À minha mãe, a quem mais adoro neste mundo, minha eterna gratidão.

À minha mãe, Carmelita.

A meu marido, Hemerson.

A meu marido e meu filho, pelo companheirismo e pela alegria de viver que me transmitem.

Ao meu filho, Caio.

Ao professor José Henrique Scherer, pela amizade, orientação, dedicação e ousadia, que foram fundamentais para a elaboração deste trabalho.

Aos professores Elias Silva, Gumercindo Souza Lima e Wantueller Gonçalves, pelo apoio, pela dedicação e pelas ricas sugestões em todas as fases deste trabalho, que, sem dúvida, foram muito valiosas para o seu desenvolvimento do mesmo.

À Universidade Federal de Viçosa, especialmente ao Departamento de Engenharia Florestal, pela oportunidade de realização do curso de Mestrado.

Aos professores e funcionários do Departamento de Engenharia Florestal, pelo apoio e pela agradável convivência.

Às colegas de curso, pela convivência e pelo companheirismo no decorrer do curso.

Agradeço ao Sr. Padre Celso De L'amore, da Congregação de Missão ou Lazaristas de Vicenza, na pessoa do Padre Celso De L'amore, pela oportunidade e pelo apoio.

A todos os outros Padres, funcionários, guias e visitantes do Carage, pela valiosa colaboração dada ao presente trabalho.

A Marcelo, Maria, H. **AGRADECIMENTO** Rinaldo, Carlos, Galahad, Nelson, He-ah, Ruão, pela imprescindível ajuda na coleta dos dados. Em especial ao Marcelo, que, além da amizade e do companheirismo, participou de quase toda a coleta de dados de forma séria e segura.

A Deus, por estar presente e por iluminar todos os meus caminhos na busca deste ideal.

À minha mãe, a quem mais admiro neste mundo, minha eterna gratidão.

A meu marido e meu filho, pelo companheirismo e pela alegria de viver que me transmitem.

Ao professor José Henrique Schoereder, pela amizade, orientação, dedicação e ousadia, que foram fundamentais para a elaboração deste trabalho.

Aos professores Elias Silva, Gumercindo Souza Lima e Wantuelfer Gonçalves, pelo apoio, pela dedicação e pelas ricas sugestões em todas as fases deste trabalho, que, sem dúvida, foram muito valiosas para o seu desenvolvimento do mesmo.

À Universidade Federal de Viçosa, especialmente ao Departamento de Engenharia Florestal, pela oportunidade de realização do curso de Mestrado.

Aos professores e funcionários do Departamento de Engenharia Florestal, pelo apoio e pela agradável convivência.

Aos colegas de curso, pela convivência e pelo companheirismo no decorrer do curso.

A Rozimar e Salmito, por toda ajuda, amizade e atenção dispensada nos momentos de incertezas.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, pelo apoio financeiro.

À Província Brasileira da Congregação da Missão dos Padres Lazaristas ou Vicentinos, na pessoa do Padre Célio De L'amore, pela oportunidade e pelo apoio.

A todos os outros Padres, funcionários, guias e visitantes do Caraça, pela valiosa colaboração dada ao presente trabalho.

A Marcelo, Maria, Hemerson, Érika, Carla, Rinaldo, Carlos, Gaalahad, Helton, Haven, Ruão, pela imprescindível ajuda na coleta dos dados. Em especial ao Marcelo, que, além da amizade e do companheirismo, participou de quase toda a coleta de dados de forma séria e segura.

Aos meus familiares, por sempre acreditarem em mim.

Enfim, a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

Concluiu o segundo grau no Colégio Marconi, na Cidade de Belo Horizonte.

Em dezembro de 1995, graduou-se em Engenharia Florestal pela Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG.

Em março de 1996, foi admitida no curso de mestrado em Ciência Florestal na Universidade Federal de Viçosa, defendendo tese em agosto de 1996.

BIOGRAFIA

SORAIA FERNANDES DA COSTA, filha de Etiente Fernandes da Costa e Carmelita Simas Costa, nasceu em Dom Cavati, Estado de Minas Gerais, em 14 de março de 1971.

Concluiu o segundo grau no Colégio Marconi, na cidade de Belo Horizonte.

Em dezembro de 1995, graduou-se em Engenharia Florestal pela Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG.

Em março de 1996, foi admitida no curso de mestrado em Ciência Florestal, na Universidade Federal de Viçosa, defendendo tese em agosto de 1998.

2.2. Mercado do ecoturismo	9
2.3. Ecoturismo e áreas protegidas	11
2.3.1. Benefícios do ecoturismo para as áreas protegidas	11
2.3.2. Áreas protegidas no Brasil	12
2.3.3. As reservas particulares do patrimônio cultural (RPPNs)	13
2.3.4. Necessidade do ecoturismo em áreas protegidas	15
3. MATERIAL E MÉTODOS	20
3.1. Caracterização da área de estudo	20
3.1.1. Dados físicos	20
3.1.2. Dados bióticos	24
3.1.3. Dados antrópicos	25
3.1.4. Procedimentos estratêgicos do Caramuru	25

3.1.4.a. O conjunto arquitetônico e seus arredores	28
3.2. Infra-estrutura de apoio ao visitante	28
3.3. Pontos turísticos mais visitados	30
3.4. Perfil do visitante	32
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	32
CONTEÚDO	
4.1. Avaliação da infra-estrutura de apoio ao visitante	32
4.2. Avaliação dos pontos turísticos mais visitados	36
4.3. Avaliação do perfil do visitante	44
4.3.1. Perfil social	45
4.3.1.1. Sexo e idade dos visitantes	46
4.3.1.2. Nível de escolaridade dos visitantes	46
4.3.1.3. Ocupação dos visitantes	46
4.3.1.4. Origem dos visitantes	46
4.3.1.5. Motivações da visita	46
4.3.1.6. Tempo de permanência no local	46
4.3.1.7. Satisfação com a visita	46
4.3.1.8. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.9. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.10. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.11. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.12. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.13. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.14. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.15. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.16. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.17. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.18. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.19. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.20. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.21. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.22. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.23. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.24. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.25. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.26. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.27. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.28. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.29. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.30. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.31. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.32. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.33. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.34. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.35. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.36. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.37. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.38. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.39. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.40. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.41. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.42. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.43. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.44. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.45. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.46. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.47. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.48. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.49. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.50. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.51. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.52. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.53. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.54. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.55. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.56. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.57. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.58. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.59. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.60. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.61. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.62. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.63. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.64. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.65. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.66. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.67. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.68. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.69. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.70. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.71. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.72. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.73. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.74. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.75. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.76. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.77. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.78. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.79. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.80. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.81. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.82. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.83. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.84. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.85. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.86. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.87. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.88. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.89. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.90. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.91. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.92. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.93. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.94. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.95. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.96. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.97. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.98. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.99. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
4.3.1.100. Perfil dos visitantes que não visitaram o local	46
EXTRATO	viii
ABSTRACT	x
1. INTRODUÇÃO	1
2. REVISÃO DE LITERATURA	5
2.1. Turismo	5
2.2. Ecoturismo	7
2.2.1. Definição	7
2.2.2. Mercado do ecoturismo	9
2.3. Ecoturismo e áreas protegidas	11
2.3.1. Benefícios do ecoturismo para as áreas protegidas	11
2.3.2. Áreas protegidas no Brasil	12
2.3.3. As reservas particulares do patrimônio natural (RPPNs)	13
2.3.4. Necessidade do ecoturismo em áreas protegidas	15
3. MATERIAL E MÉTODOS	20
3.1. Caracterização da área de estudo	20
3.1.1. Dados físicos	20
3.1.2. Dados bióticos	24
3.1.3. Dados antrópicos	25
3.1.4. Principais atrativos do Caraça	25

	Página
3.1.4.1. Recursos hídricos	26
3.1.4.2. Picos e grutas	26
3.1.4.3. Capelinha	26
3.1.4.4. O conjunto arquitetônico e seus arredores	27
3.2. Infra-estrutura de apoio ao visitante	28
3.3. Pontos turísticos mais visitados	28
3.4. Perfil do visitante	30
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	32
4.1. Avaliação da infra-estrutura de apoio ao visitante	32
4.2. Avaliação dos pontos turísticos mais visitados	36
4.3. Avaliação do perfil do visitante	44
4.3.1. Perfil social	45
4.3.1.1. Sexo e idade dos visitantes	45
4.3.1.2. Nível de escolaridade dos visitantes	46
4.3.1.3. Origem dos visitantes	47
4.3.1.4. Ocupação dos visitantes	48
4.3.2. Gastos com a visita	49
4.3.3. Meio de divulgação pelo qual souberam do Caraça	50
4.3.4. Fatores motivadores da visita ao Caraça e reincidência dos visitantes	51
4.3.5. Meio de transporte utilizado	53
4.3.6. Importância da área para os visitantes	54
4.3.7. Conhecimento de outras áreas naturais	54
4.3.8. Acompanhantes	55
4.3.9. Abrangência da visita	56
4.3.10. Tempo de permanência e hospedagem	57
4.3.11. Atividade principal	58
4.3.12. Locais mais visitados	59
4.3.13. Reclamações e sugestões	61
4.3.14. Hipóteses testadas	62
5. RESUMO E CONCLUSÕES	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	69

...com o objetivo de hospedagem, restaurante, trilhas
... pontos avaliados, no q
... sinalização inadequada
... visitante, até o momento
... representados pelos dois sexos
... maioria de 21 a 40 anos, curso superior, sendo provenientes de Belo Horizonte.
A busca por maior contato com a natureza foi o principal fator que motivou a
visita. Em termos de infra-estrutura e, ou, serviços, os itens mais reclamados
foram sinalização dos pontos turísticos, restaurante e falta de guias turísticos.

EXTRATO

COSTA, Soraia Fernandes da, M.S., Universidade Federal de Viçosa, novembro de 1998. **Avaliação do potencial ecoturístico da Reserva Particular do Patrimônio Natural do Caraça-MG.** Orientador: José Henrique Schoereder. Conselheiros: Elias Silva e Wantuelfer Gonçalves.

A área de estudo está localizada no Município de Catas Altas, Minas Gerais, distando 120 km da capital, ocupando uma área de 10.187,89 ha. O presente trabalho objetivou avaliar o potencial ecoturístico da Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) do Caraça através da avaliação de sua infra-estrutura de apoio ao visitante, de seus principais pontos turísticos, e da caracterização do perfil de seus visitantes. Para a avaliação da infra-estrutura existente e dos pontos turísticos mais visitados, foram feitas observações "in loco", análise documental, entrevistas informais e, quando possível, registro fotográfico. A caracterização do perfil do visitante foi feita a partir de um formulário contendo questões referentes às características socioeconômicas dos visitantes do Caraça, suas motivações e seus comportamentos. As hipóteses levantadas a partir da caracterização dos visitantes foram testadas por meio do teste do Qui-Quadrado. De acordo com os resultados obtidos, concluiu-se que o Caraça conta com uma infra-estrutura necessária ao desenvolvimento da atividade de ecoturismo, ainda que

deficiente em alguns aspectos, como meio de hospedagem, restaurante, trilhas e áreas de lazer. Com relação aos pontos avaliados, no geral estes apresentam falta de infra-estrutura, sinalização inadequada e processos erosivos. No que diz respeito ao perfil do visitante, até o momento, pode-se dizer que estes se encontram bem representados pelos dois sexos, tendo a maioria de 21 a 40 anos, curso superior, sendo provenientes de Belo Horizonte. A busca por maior contato com a natureza foi o principal fator que motivou a visita. Em termos de infra-estrutura e, ou, serviços, os itens mais reclamados foram sinalização dos pontos turísticos, restaurante e falta de guias turísticos.

ABSTRACT

COSTA, Jéssica F. Mendes da, M.S., Universidade Federal de Viçosa, November 2010. Evaluation of ecological and touristic potential of private estate of "Patrimônio Natural do Caraça", MG. Advisor: José Henrique Schneider. Committee Members: Elias Silva and Wantueller Gonçalves.

The area of this study is placed in Cezus Altas City, Minas Gerais, 120 km far from the Capital of the State and it covers an area of 10 187,29 hectares. The present work aims to evaluate ecological and touristic potential of Private Resort of Natural Estate of Caraça, through evaluation of its infrastructure to support visitors, evaluation of its main touristic spots, and characterization of its visitors profile. To evaluate the existing infrastructure and the most visited touristic spots, observations "in loco" were made, besides documental analysis, informal interviews and photographic registration, whenever possible. Visitors' profile characterization was made with a formulary containing questions about social and economical features of Caraça visitors, their motivation and behaviour. The hypotheses built from the characterization of its visitors were tested through Chi-square test according to obtained results. Caraça shows the infrastructure necessary to the development of ecological and touristic activities, although it is deficient under some points

ABSTRACT

COSTA, Soraia Fernandes da, M.S., Universidade Federal de Viçosa, November, 1998. **Evaluation of ecological and touristic potential of private resort of "Patrimônio Natural do Caraça", MG.** Adviser: José Henrique Schoereder. Committee Members: Elias Silva and Wantuelfer Gonçalves.

The area of this study is placed in Catas Altas City, Minas Gerais, 120 km far from the Capital of the State and it covers an area of 10.187,89 hectares. The present work aims to evaluate ecological and touristic potential of Private Resort of Natural Estate of Caraça, through evaluation of its infrastructure to support visitors, evaluation of its main touristic spots, and characterisation of its visitors' profile. To evaluate the existing infrastructure and the most visited touristic spots, observations "in loco" where made, besides documental analysis, informal interviews and photographic registration, whenever possible. Visitors' profile characterisation was made with a formulary containig questions about social and economical features of Caraça visitors, theirs motivations and behaviour. The hypotheses built from the characterisation of the visitors were tested through *Chi-square* test according to obtained results, Caraça shows the infrastructure necessary to the development of ecological and touristic activities, although it's deficient under some points

as, for instance, hostage, restaurants, tracksa and leisure areas. Regarding to the evaluated points, in general, they show some problems of infrastructure, proper signalling and erosive processes. About visitors' profile, one may say so far that they are well represented by both sexes, most are from 21 to 40 years-old, graduated in Universities and from Belo Horizonte. The main reason for their visits was a search for greater contact with nature. On infrastructure and services the most complained items were related to signalling of touristic spots, restaurants and lacking of tour guides.

1. INTRODUÇÃO

Se antigamente o homem passava quase todo o seu tempo trabalhando, a tendência do homem de agora é reservar mais tempo para se distrair. Uma das alternativas para aproveitar este tempo livre está na busca de maior contato com a natureza.

A busca de atividades que proporcionam maior contato com a natureza ocorre, provavelmente, por causa do aumento da conscientização da importância de se conservar o meio ambiente e também pelo fato de o homem se encontrar cada vez mais sufocado pela vida agressiva das grandes metrópoles.

Neste contexto, o ecoturismo, sendo uma atividade que se desenvolve em áreas naturais (protegidas ou não) e que proporciona uma aproximação maior com a natureza, está ganhando cada vez mais espaço no mercado turístico. Segundo dados da World Travel Trends Equine Market (WTTC), o ecoturismo representa 5 a 8% do turismo global, com tendência de atingir a 15% do movimento total no ano 2005 (BRUNO, 1997).

Desse modo, o ecoturismo deve ser entendido como uma atividade realizada em áreas naturais pouco alteradas (protegidas ou não), onde os objetivos dos participantes são variados (repouso, contemplação da natureza, prática de esportes, etc.) e onde se promove a conscientização do valor e da importância do patrimônio natural, cultural e histórico da área visitada.

1. INTRODUÇÃO

Se antigamente o homem passava quase todo o seu tempo trabalhando, a tendência do homem de agora é reservar mais tempo para se distrair. Uma das alternativas para aproveitar este tempo livre está na busca de maior contato com a natureza.

A busca de atividades que proporcionam maior contato com a natureza ocorre, provavelmente, por causa do aumento da conscientização da importância de se conservar o meio ambiente e também pelo fato de o homem se encontrar cada vez mais sufocado pela vida agressiva das grandes metrópoles.

Neste contexto, o ecoturismo, sendo uma atividade que se desenvolve em áreas naturais (protegidas ou não) e que proporciona uma relação mais íntima com a natureza, está ganhando cada vez mais espaço no mercado turístico. Segundo dados da World Travel Tourism Council (WTTC), o ecoturismo representa 5 a 8% do turismo geral, com previsões de chegar a 15% do movimento total no ano 2005 (RUSCHEL, 1997).

Desse modo, o ecoturismo deve ser entendido como uma atividade realizada em áreas naturais pouco alteradas (protegidas ou não), onde os objetivos dos participantes são variados (repouso, contemplação da natureza, prática de esportes, etc.) e onde se promove a conscientização do valor e da importância do patrimônio natural, cultural e histórico da área visitada,

causando baixo nível de impacto ambiental negativo e alto nível de impacto positivo para o meio ambiente e para as populações locais.

Dentre os segmentos do turismo, o ecoturismo projeta-se como uma importante alternativa de desenvolvimento sustentável, uma vez que integra na sua definição um comprometimento com os recursos e com a sociedade, diminuindo os impactos negativos do turismo sobre os recursos naturais, as comunidades e suas culturas, de forma a garantir a sua conservação para as futuras gerações (EMBRATUR, 1994). Entretanto, segundo DELGADO MENDEZ (1997), todos os segmentos do turismo, e não só o ecoturismo, deveriam se apoiar na sustentabilidade, sendo ecologicamente corretos e sustentáveis no todo, de modo a reduzir os impactos negativos, ajustar os benefícios e garantir uma relação saudável entre o homem e a natureza.

A prática do ecoturismo requer um ambiente natural equilibrado e diversificado, no qual se possam desfrutar das maravilhas da natureza. Além disso, requer uma infra-estrutura básica de apoio ao turista, como meios de hospedagem, alimentação, acesso aos pontos turísticos e recurso humano capacitado.

De acordo com BONTEMPO (1992), a deficiência de infra-estrutura nas áreas protegidas é fator limitante para o desenvolvimento da atividade turística, de modo que, quanto maior o fluxo de visitação, maior a necessidade da existência de infra-estrutura que permita maior interação dos visitantes com os recursos turísticos da área.

As áreas protegidas possuem um universo diversificado de atrativos naturais e culturais, que, se bem manejados, constituem um dos mais importantes pólos ecoturísticos. Contudo, é de fundamental importância que estas áreas possuam um programa de uso público, de modo a conciliar a atividade de ecoturismo com a conservação dos seus recursos naturais e culturais. Dentro deste programa de uso público, a realização de atividades de interpretação e educação ambiental aumenta a satisfação dos visitantes, tornando-os mais comprometidos e participativos na conservação dessas áreas. Além disso, de acordo com BINI et al. (1992), a caracterização do perfil do visitante também deve ser considerada na elaboração do plano de uso público da área.

Através desse perfil, pode-se avaliar se os interesses e o comportamento dos visitantes estão de acordo com os objetivos da área, se o nível de satisfação dos visitantes foi atendido e, se não o foi, o que pode ser feito para melhorar, dentre outras coisas. Assim, as informações obtidas nesta avaliação tornam-se relevantes no manejo e planejamento das atividades a serem desenvolvidas na área, de modo que se possam conciliar a conservação ambiental e as expectativas dos visitantes.

A Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) do Caraça, ou simplesmente Caraça, recebe um número grande e diversificado de turistas durante todo o ano. Alguns vão em busca da paz espiritual que o lugar oferece, outros de maior contato com as belezas naturais da área e, ainda, outros vão em busca apenas de lazer.

Sabe-se que a visitação intensa e desordenada promove uma série de impactos negativos no meio ambiente, o que torna imprescindível um controle desta visitação, de modo a se conciliarem os objetivos de conservação e a qualidade da experiência dos visitantes.

Segundo MARTINS (1996), o impacto causado pela visitação nos diferentes ecossistemas tem que ser analisado e medido previamente, de modo a evitar o excesso, que é prejudicial, e a ausência de fluxo, que produz pouco retorno financeiro.

Dessa forma, para que a atividade ecoturística se desenvolva de forma equilibrada, é necessário que o dimensionamento do número de visitantes, a implantação de infra-estrutura adequada e o respeito pelo meio ambiente natural e pela cultura local sejam levados em consideração.

De acordo com ZICO (1982), o turismo é uma atividade bastante antiga no Caraça, sendo este um local de oração e reflexão, além de repouso e turismo, e sua proteção pode contribuir para o desenvolvimento socioeconômico da região e do País como um todo.

No entanto, para que o Caraça consiga resguardar a sua história e os seus recursos naturais e, assim, contribuir para o bem estar das pessoas envolvidas, é preciso um planejamento consciente, criterioso e participativo das atividades a serem desenvolvidas na área. Para que se possa fazer este planejamento, é preciso conhecer a realidade da área, de modo a verificar o que já existe e o que deve ser potencializado.

Ciente do crescimento do ecoturismo e do potencial do Caraça para tal atividade, é de suma importância fazer uma avaliação deste potencial. A partir desta avaliação, podem-se propor ações que venham solucionar problemas encontrados e, ou, potencializar os aspectos positivos para o desenvolvimento da atividade ecoturística na área. Dessa forma, poderá se promover o ordenamento da atividade de ecoturismo, de modo que se possam cumprir os seus objetivos, ou seja, a conservação dos recursos naturais e culturais, o desenvolvimento socioeconômico da região e a satisfação dos visitantes.

Diante do exposto, o presente trabalho objetivou avaliar o potencial ecoturístico da RPPN do Caraça, envolvendo os seguintes aspectos:

- avaliação de alguns dos pontos turísticos mais visitados;
- avaliação da infra-estrutura de apoio ao visitante;
- avaliação do perfil do visitante do Caraça; e
- teste das seguintes hipóteses:
 1. o tempo de permanência do visitante determina os locais a serem visitados;
 2. o tempo de permanência do visitante determina a sua percepção da infra-estrutura e, ou, de serviços oferecidos pelo Caraça.

A indústria do turismo movimentou cerca de 3,5 bilhões de dólares em 1991, e as atividades expandiram-se rapidamente para outros países (CEBRAL, 1994). Em 1992, de acordo com a Organização Mundial de Turismo (OMT), cerca de 600 milhões de pessoas viajaram para outros países (CEBRAL, 1994). Para o ano de 2010, a previsão é de que 1 bilhão de pessoas viajará para outros países e, no ano 2020, este número poderá alcançar 1,6 bilhão (OMT, 1997).

Com base nos dados de World Travel and Tourism Council (WTTC), o mercado turístico mundial empregou, em 1991, cerca de 183 milhões de pessoas, o que corresponde a 10,5% da força de trabalho mundial (BRASIL, 1994).

2. REVISÃO DE LITERATURA

Essa instituição prevê que o setor se responsabilizará pela criação de maior número de empregos nos próximos dez anos, sendo cerca de 204 milhões de empregos em 1994 (10,5% da força de trabalho mundial), com previsão de atingir 350 milhões (cerca de 12% da força de trabalho) em 2005 (YABOSHIMA, 1994).

2.1. Turismo

De acordo com EMBRATUR (1992), o turismo é “uma atividade econômica representada pelo conjunto de transações (compra e venda de bens e serviços turísticos) efetuadas entre os seus agentes econômicos. É gerado pelo deslocamento voluntário e temporário de pessoas para fora dos limites da área ou região em que têm residência fixa, por qualquer motivo, excetuando-se o de exercer alguma atividade remunerada no local que visita”.

Em um sentido mais amplo, o turismo é tido como o maior dos movimentos migratórios da história humana. É caracterizado por uma taxa de crescimento constante, relacionada às necessidades do homem no que diz respeito a espaço, movimento, bem-estar, descanso das tarefas do dia-a-dia, entre outras. Busca-se uma troca das atividades rotineiras por novas emoções e experiências (RUSCHMANN, 1991).

O turismo apresenta-se, hoje, como uma das indústrias mais promissoras para o próximo século, sendo considerado um dos mais potentes veículos para o desenvolvimento econômico, social e cultural do País, gerando renda e emprego, entre outros benefícios. Neste setor, não se identifica uma única atividade econômica e, sim, uma variedade de atividades produtivas, inseridas nos setores da agricultura, do comércio e de serviços, os quais produzem múltiplos efeitos produtivos (EMBRATUR, 1992).

A indústria do turismo movimenta cerca de 3,5 trilhões de dólares anualmente, e, na última década, suas atividades expandiram-se 57% (BRASIL, 1994). Em 1992, de acordo com a Organização Mundial de Turismo (OMT), 476 milhões de turistas viajaram para outros países (CEBALLOS-LASCURÁIN, 1993). Para o ano de 2010, a previsão é de que 1 bilhão de pessoas viagem para outros países e, no ano 2020, este número poderá alcançar 1,6 bilhão (OMT, 1997).

Com base nos dados da World Travel and Tourism Council (WTTC), o mercado turístico mundial empregou, em 1991, cerca de 183 milhões de pessoas, o que corresponde a um em cada nove trabalhadores do mundo (BRASIL, 1994). Essa instituição prevê que o setor se responsabilizará pela criação do maior número de empregos nos próximos dez anos, sendo cerca de 204 milhões de empregos em 1994 (10,6% da força de trabalho mundial), com previsão de atingir 350 milhões (cerca de 12% da força de trabalho) em 2005 (YASOSHIMA, 1994).

Os especialistas concordam que o turismo é o setor que apresenta maior expansão no mundo dos negócios. Entretanto, discordam quanto à taxa de crescimento e a época em que esta explosão ocorrerá. No entanto, é preciso ficar claro que as previsões indicam tendências e não certezas, pois estas tendências se referem aos rumos de um desenvolvimento a longo prazo, o qual pode ser abalado por acontecimentos a curto prazo, modificando o previsto (RUSCHMANN, 1994). Dessa forma, para que estas previsões otimistas a respeito do desenvolvimento turístico se realizem, é preciso uma atuação conjunta dos setores privados, públicos e Organizações Não Governamentais (ONGs), bem como uma conscientização de toda a população a respeito da importância deste desenvolvimento.

Devido à grande competitividade do mercado e das exigências cada vez mais específicas da demanda, a indústria do turismo caminha para a especialização, oferecendo oportunidades cada vez mais direcionadas, visando atender às expectativas dos mais variados tipos de turistas (BRASIL, 1994).

Atualmente, os viajantes estão buscando cada vez mais uma forma de turismo mais especializado, no qual eles participam de forma mais ativa das atividades. Em consequência disso, há atualmente um grande número de segmentações do turismo. Estes segmentos não se encontram, ainda, bem

separados e, se depender da demanda dos turistas, possivelmente outros surgirão .

Muitos destes segmentos do turismo possuem características comuns, o que dificulta a diferenciação entre eles. O ecoturismo, por exemplo, é muitas vezes confundido com o turismo de aventura (RODRIGUES DE LA GUARDIA, 1992) ou turismo rural. Para alguns autores tanto o turismo rural quanto o de aventura estão associados ao ecoturismo. Entretanto, cada segmento têm as suas particularidades, o que não quer dizer que não possam ocorrer numa mesma área e ao mesmo tempo.

Como outros exemplos dessa segmentação, tem-se o turismo cultural, o esotérico, o da terceira idade, o religioso e o da saúde.

Para DELGADO MENDEZ (1997), independente do tipo de turismo que se pratica, todos deveriam envolver responsabilidade (de quem organiza e de quem participa) para com o lugar, as pessoas ou comunidades envolvidas diretamente e, ainda, para com as pessoas que esperam que suas presenças não perturbem as condições naturais ou culturais do local.

2.2. Ecoturismo

2.2.1. Definição

Não há uma definição mundialmente aceita para o ecoturismo, o que acaba por provocar algumas confusões na hora de se classificar dada atividade como ecoturística. A seguir, serão apresentadas algumas definições de ecoturismo mais freqüentemente encontradas na literatura.

De acordo com CEBALLOS-LASCURÁIN (1993), "o ecoturismo ou turismo ecológico consiste em viajar ou visitar áreas naturais pouco alteradas (incluindo as áreas protegidas), com o objetivo de desfrutar, apreciar e estudar os seus atrativos naturais (paisagem, flora e fauna silvestres), assim como qualquer manifestação cultural (passada e presente) nestas áreas, mediante um processo que promova a conservação, tenha baixo impacto ambiental e cultural negativo e que proporcione um envolvimento ativo, social e economicamente benéfico das populações locais".

Já a Sociedade de Ecoturismo define o ecoturismo como “viagens a áreas naturais com o propósito de compreender a cultura e a história natural do ambiente, tomando o cuidado de não alterar a integridade dos ecossistemas, produzindo oportunidades econômicas que tornem a conservação dos recursos naturais benéfica para as populações locais” (BRANDON, 1996).

Segundo DELGADO MENDEZ (1997), o ecoturismo seria uma “atividade espontânea ou previamente planejada, que implica a visita, a apreciação e o uso de um espaço natural ou cultural, onde as partes envolvidas se respeitam, beneficiando-se mutuamente e mantendo de forma sustentável as condições que a propiciaram”.

No Brasil, existem pelo menos duas grandes linhas de conceituação de ecoturismo. Uma é a definição oficial da Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR), na qual o ecoturismo é definido como “um segmento da atividade turística que utiliza de forma sustentável o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações”. A outra é uma conceituação corrente no mercado, segundo a qual o ecoturismo “é toda atividade turística realizada em área natural com os objetivos de observação e conhecimento da flora, da fauna e de aspectos científicos (com ou sem o sentido de aventura); e prática de esportes e realização de pesquisas científicas” (AUDITORIA, 1995).

As definições reportadas anteriormente apresentam algumas características em comum, estando umas mais completas que outras. Pode-se notar que algumas dão espaço para que outros segmentos do turismo se encaixem nelas. Um exemplo é a definição de ecoturismo corrente no mercado. A simples prática de esporte ou realização de pesquisas científicas em áreas naturais não pode ser considerada como uma atividade ecoturística. É necessário que, além da prática do esporte e da pesquisa em si, fiquem claros o respeito e a cooperação para a conservação das belezas naturais da área, bem como da integridade cultural da região.

Uma pessoa ou um grupo de pessoas que vai a uma área natural em busca de aventura, sem se preocupar com a importância ecológica, histórica e cultural da área e com a conservação destes patrimônios, com certeza não está praticando o ecoturismo. Dessa forma, é preciso ficar atento ao se

classificar uma atividade como de ecoturismo. Para isso, o ideal é que se estabeleça uma definição global para o ecoturismo, sendo a classificação das atividades turísticas feita com base nesta definição.

Em BRASIL (1994), não se recomenda a restrição do conceito de ecoturismo, pois a atividade ecoturística é bastante dinâmica, de modo que outros segmentos ou atividades do turismo, que hoje não são considerados ecoturísticos, possam ser absorvidos por este segmento.

Havendo ou não uma definição geral para o ecoturismo, é preciso, na hora de se classificar uma atividade como ecoturística, levar em consideração as principais características da atividade em questão e os objetivos de quem a pratica, além de fazer uso do bom senso.

2.2.2. Mercado do ecoturismo

O ecoturismo, baseado no conceito de sustentabilidade, tem se propagado com muita rapidez dentro do mercado mundial do turismo, devido, provavelmente, ao aumento das preocupações ecológicas e da necessidade de vivenciar experiências que respeitem a sustentabilidade do meio ambiente (ENDRES, 1996).

O mercado ecoturístico, bem como o turismo geral, passa por constantes inovações, o que faz com que o ecoturismo tenha, hoje, vários segmentos. Segundo RUSCHEL (1997), os segmentos do ecoturismo podem estar ligados aos esportes da natureza (mais de 40 modalidades no ar, na água e na terra), às atividades da produção artística ou cultural (pintura, fotografia, cinema, cursos, educação ambiental, entre outros), aos programas de caráter étnico (folclore e visita a culturas indígenas e outras minorias), ou ainda a viagens organizadas simplesmente para a observação da fauna e flora.

Os países desenvolvidos são os que mais lucram com a atividade de ecoturismo, em especial os Estados Unidos, que são considerados a maior rede de atração turística natural do mundo (BRASIL, 1994).

No Canadá, 84% das pessoas participam de atividades recreacionais relacionadas à natureza, gerando um valor de aproximadamente 800 milhões de dólares por ano. Já nos Estados Unidos, cerca de 100 milhões de adultos e um número comparável de crianças são envolvidas em recreações não-

destrutivas da natureza, gastando aproximadamente 4 bilhões de dólares por ano com esta atividade (PRIMACK, 1993).

De acordo com RUSCHEL (1997), o ecoturismo é “o negócio da nova era, sendo o segmento econômico que mais cresce no mundo atualmente, atingindo cerca de 20% ao ano”. Este segmento representa a alavanca para o desenvolvimento industrial em países como o Quênia e a Tanzânia, além de ser a causa do aumento do número de turistas em muitos países da América e Ásia (PRIMACK, 1993).

No Brasil, a atividade ecoturística ainda é desordenada, o que acaba por comprometer o conceito e a imagem do produto ecoturístico brasileiro nos mercados externos e internos, além de resultar em pouco ou nenhum benefício socioeconômico e, ou, ambiental (BRASIL, 1994).

Em 1994, o segmento do ecoturismo movimentou de 2,2 a 3,5 bilhões de dólares no Brasil, e em 2005 este número poderá chegar a 10,8 bilhões de dólares (RUSCHEL, 1997). No entanto, para atingir estas cifras, é preciso que o Brasil esteja preparado, ou seja, tenha condições de oferecer, além dos atrativos naturais/culturais, mão-de-obra capacitada e infra-estrutura básica de apoio aos ecoturistas.

Com aproximadamente 8,5 milhões de km², o Brasil ocupa praticamente a metade da América do Sul, possuindo recursos naturais bastante diversificados e valiosos (EMBRATUR, 1994). Esta riqueza revela-se na beleza dos recursos naturais (rios, cachoeiras, cavernas, “canyons”, montanhas, praias, ilhas, animais, plantas de rara beleza, etc.) presentes nos mais diversificados ecossistemas, como a Amazônia, o Pantanal, a Mata Atlântica. Além disso, de acordo com CARVALHO (1997), tem-se “a característica multirracial dos brasileiros, as cores, as formas e os sabores das culinárias regionais, da fruticultura tropical e as colossais festas populares brasileiras”.

Um outro fato que coloca o Brasil em posição de destaque para o desenvolvimento do ecoturismo é o número significativo de áreas naturais protegidas no País, as quais resguardam as características dos diferentes biomas existentes.

De posse destes dados e consciente de que o Brasil possui belezas atrativas invejáveis para a prática de qualquer modalidade do ecoturismo, só resta aos brasileiros se prepararem para receber esta emergente demanda,

sendo necessário para isto um planejamento com base no desenvolvimento sustentável da atividade de ecoturismo, de modo a evitar possíveis impactos ambientais, sociais, culturais e econômicos.

2.3. Ecoturismo e áreas protegidas

2.3.1. Benefícios do ecoturismo para as áreas protegidas

A realização de atividades recreativas em áreas protegidas não é um fenômeno recente, sendo um dos primeiros objetivos considerados na criação dos primeiros parques nacionais (CHÁVES e ROSABAL, 1993).

Talvez a diferença entre a recreação de ontem e a de hoje esteja na qualidade da experiência vivida nestas áreas. Atualmente, o aumento da conscientização a respeito dos problemas ambientais e a pressão alienante dos grandes centros urbanos têm contribuído para maior valorização dos recursos naturais, culturais e históricos. Segundo CHÁVES e ROSABAL (1993), isso faz com que as pessoas busquem cada vez mais experiências ativas e enriquecedoras intelectualmente e que permitam realizar ações que favoreçam a conservação da natureza em áreas protegidas.

A crescente busca por este tipo de experiência, na qual o contato com a natureza é fundamental, pode ser confirmada pelo crescimento significativo do setor de ecoturismo nos últimos anos. De acordo com BOO (1990), este tipo de turismo tem evoluído rapidamente de um simples passeio em áreas naturais, realizado por poucas pessoas, para uma variedade de atividades de interesse na natureza, praticado por um número cada vez maior de pessoas.

Uma vez que o ecoturismo requer um ambiente natural equilibrado e diversificado, no qual se possa desfrutar das maravilhas da natureza, as áreas protegidas que permitem recreação tornam-se um alvo bastante cobiçado. Isso porque, nestas áreas, as ofertas de oportunidades ecoturísticas (fauna, flora, recursos hídricos, etc.) são mais expressivas, permitindo maior interação entre o ecoturista e o meio ambiente.

A atividade ecoturística pode aumentar a renda das áreas protegidas e, dessa forma, apoiar estudos ecológicos, implementar planos de manejo e atividades interpretativas e, além disso, pode oferecer às populações do

entorno oportunidades de sobrevivência, através de empregos diretos e indiretos, o que diminuiria a pressão sobre os recursos naturais. O ecoturismo pode funcionar como uma justificativa econômica para a conservação de áreas que de outra forma, talvez não receberiam nenhuma proteção (BOO, 1990; BRASIL, 19--), o que, segundo DORST (1973), eliminaria a principal objeção dos economistas à criação de áreas protegidas, ou seja, a improdutividade destas áreas.

De acordo com BRANDON (1996), os benefícios do ecoturismo para as áreas protegidas, quando bem planejados, são os seguintes:

- prover recursos financeiros para auxiliar na conservação destas áreas;
- servir de justificativa econômica para a criação e a manutenção das áreas protegidas;
- promover alternativas econômicas para a população local, reduzindo dessa forma as pressões sobre os recursos naturais; e
- incentivar o setor privado a promover a conservação ambiental.

2.3.2. Áreas protegidas no Brasil

O sistema de áreas protegidas ou Unidades de Conservação (UCs) no Brasil, ainda que deficiente, mostra-se como um dos mais importantes meios para a proteção da diversidade natural, cultural e histórica do País.

A realidade das UCs no Brasil não é das mais agradáveis. A maioria delas foi criada somente no papel, limitando-se o Decreto de criação ao estabelecimento do nome da área, dos limites e de algumas ações de proteção, não incluindo recursos humanos e financeiros para a implantação inicial ou regularização fundiária (MILANO, 1991).

De acordo com AYRES et al. (1996), apesar do significativo número de áreas protegidas na Amazônia e Mata Atlântica (362 UCs), a grande maioria enfrenta problemas de proteção inadequada, desregularização fundiária, falta de plano de manejo adequado e pessoal capacitado, entre outros. Esta realidade, pelo menos no que diz respeito aos problemas, não deve ser diferente nos outros ecossistemas do Brasil.

O Quadro 1 diz respeito à classificação das UCs do Brasil agrupadas em categorias de manejo, feita pelo antigo Instituto Brasileiro de

Desenvolvimento Florestal (IBDF), de acordo com orientações apresentadas em um documento preparado pelo Instituto Universal para a Conservação da Natureza (IUCN) e de trabalhos publicados por Miller e Thelen em 1976, com as devidas adaptações (SILVA, 1996).

Além das UCs classificadas nas categorias de manejo relacionadas no Quadro 1, existem outras que não foram agrupadas, mas que estão previstas pela legislação, a saber: áreas de preservação permanente; áreas de proteção ambiental; áreas de relevante interesse ecológico; áreas especiais e locais de interesse turístico; jardins botânicos e zoológicos; refúgios particulares de animais nativos; reserva ecológica e reserva particular do patrimônio natural (SILVA, 1996).

Entre as UCs ou áreas protegidas que possuem como um dos seus objetivos a recreação, podem-se mencionar os parques nacionais e municipais, as florestas nacionais, os parques naturais e as reservas particulares do patrimônio natural (RPPNs).

2.3.3. As reservas particulares do patrimônio natural (RPPNs)

As RPPNs, título criado por lei federal para proteger as terras particulares destinadas à preservação ambiental, têm sido determinadas em todo o Brasil. Já existem 98 reservas particulares, somando uma área de 255.000 hectares, estando, em sua maioria, mais bem cuidadas que os parques nacionais, onde falta fiscalização, entre outras coisas (CAMPOS, 1997).

A criação deste tipo de área protegida oferece algumas vantagens ao proprietário da terra, sendo a principal delas a isenção do Imposto Territorial Rural. Além desta vantagem, estas áreas passam a ter ajuda da polícia florestal na sua proteção e prioridades na liberação de verbas públicas para projetos de preservação ambiental. Para a criação dessas reservas, tem-se a necessidade de algum atributo natural que justifique sua preservação. E mais: uma vez vendida a área, o novo dono deverá também preservá-la e todo o tipo de exploração econômica na área deve ser auto-sustentada (ADEODATO e OLIVEIRA, 1997).

Quadro 1 - Relação das áreas silvestres classificadas em categorias de manejo, com os seus objetivos básicos de manejo

OBJETIVOS BÁSICOS DE CONSERVAÇÃO	CATEGORIAS ALTERNATIVAS PARA O MANEJO DE ÁREAS SILVESTRES															
	Importância nacional				Manejo complementar				Manejo adicional					Importância mundial		
	Monumento Natural	Parque Nacional	Reserva Biológica	Santuário de Vida Silvestre	Estação Biológica	Estrada/Parque	Reserva de Recursos	Rio Cênico	Floresta Nacional	Monumento cultural	Parques de Caças	Parque Natural	Reserva de Fauna	Reserva Indígena	Reserva da Biosfera	Reserva do Patrimônio Mundial
Administrar e manter serviços de recreação e turismo	◆	◆		○	○	●		●	○	○	○	○	○	○	○	○
Conservar a diversidade ecológica e o equilíbrio natural	◆	◆	◆	◆	◆	◆	◆	◆	◆	○	○	○	◆	○	◆	○
Conservar amostras de ecossistemas em estado natural	◆	◆	◆	○	○	○	○	○	○	○	○	○	●	○	◆	○
Conservar a produção hídrica, protegendo bacias e mananciais	○	●	●		●			○	◆			○			○	
Conservar provisoriamente grandes áreas até sua definição futura							◆									
Dar educação, investigar, estudar e divulgar os recursos naturais	◆	◆	◆	◆	◆	◆		◆	●	◆	○	○	◆		◆	◆
Fomentar o uso racional de áreas pouco desenvolvidas e em desenvolvimento integrado	○	●		●	●				○				◆		◆	○
Preservar o patrimônio genético	◆	◆	◆	◆	◆	○	○	●	●	○	○	○	●		◆	○
Produzir proteína através de recursos faunísticos									○				◆			
Propiciar caça amadorista											◆					
Propiciar uso múltiplo									◆		●		●		○	
Proteger e conservar belezas cênicas e áreas verdes	◆	◆			◆	◆			●			◆	○		◆	○
Proteger espécies raras em perigo ou ameaçadas de extinção	○	◆	◆	◆	◆			●	●		○		●		○	○
Proteger locais de herança cultural, histórica, arqueológica e geológica		●			●	○		○		◆			◆			◆
◆ Objetivo primário para o manejo da área dos recursos.																
● Não necessariamente, porém sempre incluído como um objetivo importante.																
○ Incluído como objetivo onde os recursos e outros objetivos de manejo o permitam.																

Fonte: SILVA (1996).

De acordo com CAMPOS (1997), num período de 6 meses, 55.000 hectares, principalmente de Mata Atlântica, foram registrados como RPPNs (existem outros 200 pedidos em andamento).

A RPPN do Caraça, que é o interesse maior deste trabalho, foi criada com o objetivo de preservar o seu patrimônio natural e cultural, o que vem ressaltar e justificar a necessidade de um planejamento adequado da atividade turística na área. Algumas das RPPNs que permitem a visitação pública, incluindo a do Caraça, se encontram representadas no mapa do Brasil (Figura 1), extraído de CAMPOS (1997).

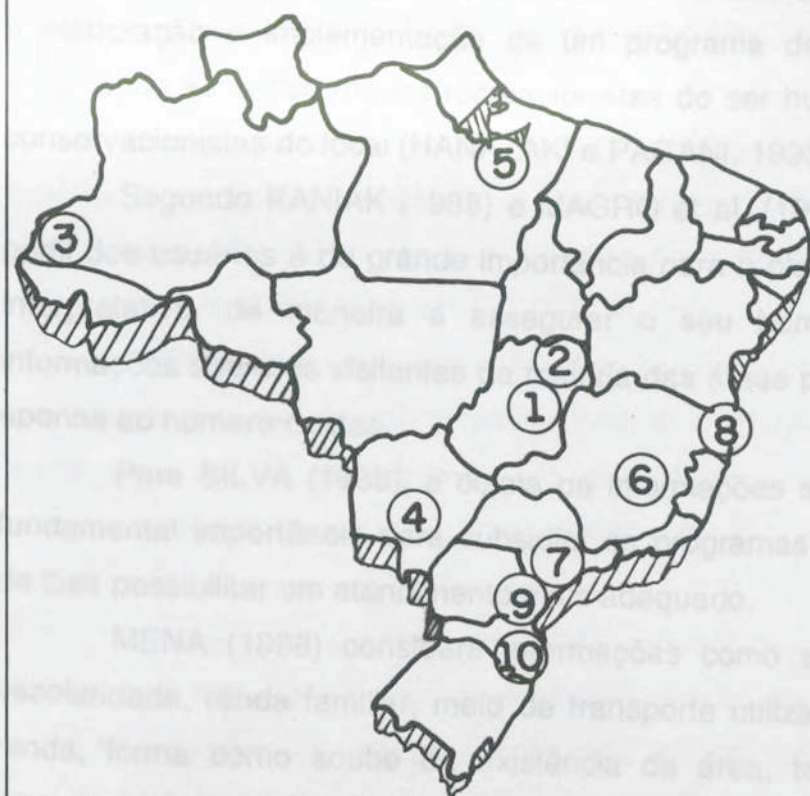
2.3.4. Necessidade do ecoturismo em áreas protegidas

Oferecer oportunidade para a recreação pública faz parte dos objetivos de vários tipos de áreas protegidas, inclusive das RPPNs, como foi dito anteriormente. O que não se pode esquecer é que o objetivo principal destas áreas é a proteção dos seus recursos naturais. Dessa forma, devem-se buscar meios de compatibilizar a atividade recreativa nestas áreas com a conservação de suas características especiais. Para isso, torna-se necessário um planejamento criterioso das ações ou atividades relacionadas ao ecoturismo nas áreas protegidas, de forma a se promover o ordenamento da atividade.

Assim, um plano de manejo nas áreas protegidas é fundamental para garantir a atividade de ecoturismo e promover a conservação dos recursos e valores utilizados. De acordo com CHÁVES e ROSABAL (1993), neste plano devem ser feitos o ordenamento e o zoneamento detalhado da unidade de conservação em questão, de forma que se possam estabelecer as potencialidades e restrições de uso de cada área. Segundo SILVA (1996), devem constar neste plano, da forma mais clara possível, todas as informações a respeito das ações a serem executadas, de modo a evitar a ocorrência de conflitos entre a administração, o meio ambiente e o público da UC.

Um plano de manejo adequado deve considerar, para o desenvolvimento do turismo na área, aspectos como instalações, recurso humano, trilhas, programa de educação ambiental, participação comunitária (BOO, 1990).

ALGUMAS RPPNs ABERTAS AO PÚBLICO



- 1 - Linda Serra dos Topázios (GO)
- 2 - Fazenda Campo Alegre (GO)
- 3 - Seringal Novo Destino (AM)
- 4 - Parque Hotel Rio Formoso (MS)
- 5 - Fazenda Nadir Júnior (PA)
- 6 - Santuário do Caraça (MG)
- 7 - Sítio Curucutu (SP)
- 8 - Estação Vera Cruz (BA)
- 9 - Salto Morato (PR)
- 10 - Parque Ecológico Artex (SC)

Figura 1- Localização de algumas das RPPNs que permitem visitação pública.

Um outro ponto a ser considerado no plano de manejo é a capacidade de carga da área protegida, ou seja, o número de visitas que uma área pode suportar, sem ocasionar impactos negativos ao ambiente e sem diminuir a qualidade da experiência dos visitantes (CIFUENTES, 1993). Segundo BOO (1990), os estudos referentes à capacidade de carga da área devem acontecer antes da expansão das atividades turísticas. Porém, dados e informações necessários para avaliar a capacidade de carga, como frequência de visitas, tamanho dos grupos, duração das visitas, padrões de atividade, conduta animal, entre outros, não existem na maioria das áreas protegidas.

Segundo DUTRA e HERCULIANI (1990), não pode faltar em qualquer área natural protegida um programa de uso público quando se tem por finalidade a atividade turística nestas áreas.

Vários autores ressaltam a importância de se conhecer o público que visita determinada área natural, e que este conhecimento pode colaborar para a elaboração e implementação de um programa de uso público da área, conciliando as necessidades recreacionistas do ser humano com os objetivos conservacionistas do local (HANAZAKI e PAGANI, 1993).

Segundo KANIAK (1988) e MAGRO et al. (1990), o conhecimento do perfil dos usuários é de grande importância para o planejamento do programa interpretativo, de maneira a assegurar o seu bom êxito. No Brasil, as informações sobre os visitantes da maioria das áreas protegidas se restringem apenas ao número destes.

Para SILVA (1988), a coleta de informações sobre os visitantes é de fundamental importância para subsidiar os programas de interpretação, além de lhes possibilitar um atendimento mais adequado.

MENA (1988) considera informações como sexo, idade, ocupação, escolaridade, renda familiar, meio de transporte utilizado, propósito da visita, renda, forma como soube da existência da área, tempo de permanência, lugares visitados, frequência de visita, entre outras, importantes para o planejamento dos serviços e das infra-estruturas de interpretação.

BENÍTEZ (1988) também considera importantes informações sobre os visitantes, como sexo, idade, origem, propósito básico da visita, locais visitados, tempo da visita e recorrência à área.

Para Lucas (1980), citado por MAGRO et al. (1990), quanto mais informações sobre os visitantes e seus comportamentos, maior será o profissionalismo no manejo das áreas visitadas e, conseqüentemente, melhor a qualidade dos serviços prestados.

De acordo com MAGRO et al. (1990), as pessoas apresentam padrões de comportamento distintos, que devem ser estudados e analisados em um programa interpretativo, de modo a oferecer atividades adequadas para cada situação, alcançando, assim, os objetivos da interpretação de forma mais eficiente.

A atividade de interpretação da natureza, como parte do programa de uso público, torna-se indispensável para o manejo de uma área protegida, pois funciona como um elo entre o visitante e a administração, despertando nos visitantes a receptividade pela conservação da área, além de transmitir-lhes a

idéia da sua importância. Esta atividade desenvolvida em harmonia com o manejo da área, por uma equipe devidamente treinada, será muito mais efetiva para a sua proteção do que um intenso programa de fiscalização (DUTRA e HERCULIANI, 1990).

Já os subprogramas de lazer e educação ambiental são estratégias importantes para a formação de uma consciência crítica sobre a problemática ambiental e o engajamento das pessoas na conservação e preservação do meio ambiente (TABANEZ e HERCULIANI, 1990).

Além dessas considerações, para que se tenha sucesso na prática de ecoturismo em áreas protegidas ou não, é ideal que haja uma diversidade ecológica e, ou, cultural elevada, uma infra-estrutura básica de apoio ao turista, recurso humano capacitado, e a participação e o apoio das comunidades circunvizinhas no manejo destas áreas.

Uma área natural terá mais valor turístico quanto mais diferente ela se mostrar em relação a outras áreas. A diversidade de atrativos de uma área é outro fator importante. Assim, quanto mais diferenciados e diversificados forem os atrativos turísticos de uma área ou região, maior a possibilidade de atrair turistas (BRASIL, 19--).

É de suma importância a existência de uma relação amigável entre os municípios próximos e as áreas naturais, de forma que ambos possam beneficiar-se com a chegada dos turistas. À medida que a comunidade se sente envolvida e começa a enxergar os benefícios oriundos da atividade turística, ela vai se tornando mais motivada e responsável pela proteção do ambiente natural, herança cultural e a própria atividade turística. De acordo com BRASIL (19--), entre os benefícios desta atividade para a comunidade estão a criação de novos empregos e rendimentos; a melhoria da infraestrutura; maior consciência e apreciação da herança natural e cultural da comunidade; instalações e serviços para a comunidade, que incluem água tratada, saneamento básico, estradas, saúde e segurança.

No que diz respeito à infra-estrutura de apoio ao turista no geral, podem-se mencionar algumas que são consideradas essenciais para o desenvolvimento da atividade, como os meios de hospedagem, alimentação e acesso; recurso humano para serviços de informações e guias; e trilhas de acesso aos principais pontos atrativos.

De acordo com EMBRATUR (1994), as infra-estruturas necessárias às atividades de ecoturismo visam apoiar e orientar os visitantes, limitar e reduzir os impactos gerados pelas atividades desenvolvidas, além de permitir que os visitantes aprendam e compreendam o funcionamento e o significado dos recursos naturais disponíveis.

Segundo o último trabalho citado, o planejamento das infra-estruturas deve atender tanto às necessidades dos visitantes quanto as de gestão da área intervencionada. A definição das infra-estruturas necessárias depende dos objetivos, da dimensão e da natureza de cada projeto de investimento, e o planejamento do tipo e da dimensão das infra-estruturas deve considerar os seguintes fatores:

- o tipo de utilização prevista para o local;
- a qualidade e quantidade de solo e água disponíveis;
- a capacidade de suporte do local para suportar as estruturas e as atividades dos visitantes, sem prejudicar os recursos turísticos;
- a possibilidade de manutenção das estruturas, em termos de material e, ou, pessoal.

Segundo BONTEMPO (1992), os elementos básicos de apoio à atividade turística são raros nos parques nacionais, inclusive nos que possuem planos de manejo. No entanto, os parques nacionais e a maioria das áreas protegidas não oferecem praticamente nenhum tipo de infra-estrutura ao turista. De acordo com MILANO (1990), a deficiência de infra-estrutura, de equipamentos e de pessoal nas UCs é uma fonte permanente de problemas.

Em parte, a deficiência de infra-estrutura pode ser atribuída à carência de recursos financeiros que assombram a maioria destas áreas, já que o custo de instalação é elevado. Além disso, as tarifas de entrada cobradas nestas áreas são simbólicas, não gerando ingressos suficientes para investimento.

Segundo BOO (1990), para que os parques gerem seus próprios ingressos e sejam economicamente autônomos, seria necessário instituir um sistema de tarifas mais altas. Entretanto, a cobrança de tarifa de entrada algumas vezes gera polêmica, porque as áreas naturais são vistas pela maioria das pessoas como parte da herança natural do País. A criação de um sistema de tarifas diferenciadas pode ser suficiente para resolver este impasse, resultando em arrecadação mais eficiente, o que poderia ser revertido para a instalação ou melhoria das infra-estruturas.

3. MATERIAL E MÉTODOS

3.1. Caracterização da área de estudo

3.1.1. Dados físicos

A Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) do Caraça situa-se no município de Catas Altas, Minas Gerais, a 120 km de Belo Horizonte (Figura 2). De acordo com ZIMMERMANN (1996), o Caraça tem sua posição determinada pelas coordenadas geográficas de 20° de latitude sul, entre os meridianos 43° e 44° a oeste de Greenwich.

A referida reserva possui uma área de 10.187,89 ha, limitada pelos municípios de Catas Altas, Santa Bárbara e Mariana (Figura 3), sendo de propriedade da Província Brasileira da Congregação da Missão (PBCM) dos Padres Lazaristas ou Vicentinos.

O clima da região do Caraça é, segundo a classificação de Köppen, do tipo Cwb, ou seja, clima tropical de altitude, com temperatura média dos meses mais frios inferior a 18°C e do mês mais quente inferior a 22°C, com invernos secos e verões brandos e úmidos (INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS APLICADAS-IGA, 1997).

A região da reserva está situada no quadrilátero ferrífero entre os municípios de Barão de Cocais e Ouro Preto, sendo considerada "uma ilha" cercada de todos os lados por empresas de mineração (ZICO, 1990), o que, de acordo com ADEODATO e OLIVEIRA (1997), lhe confere a função de

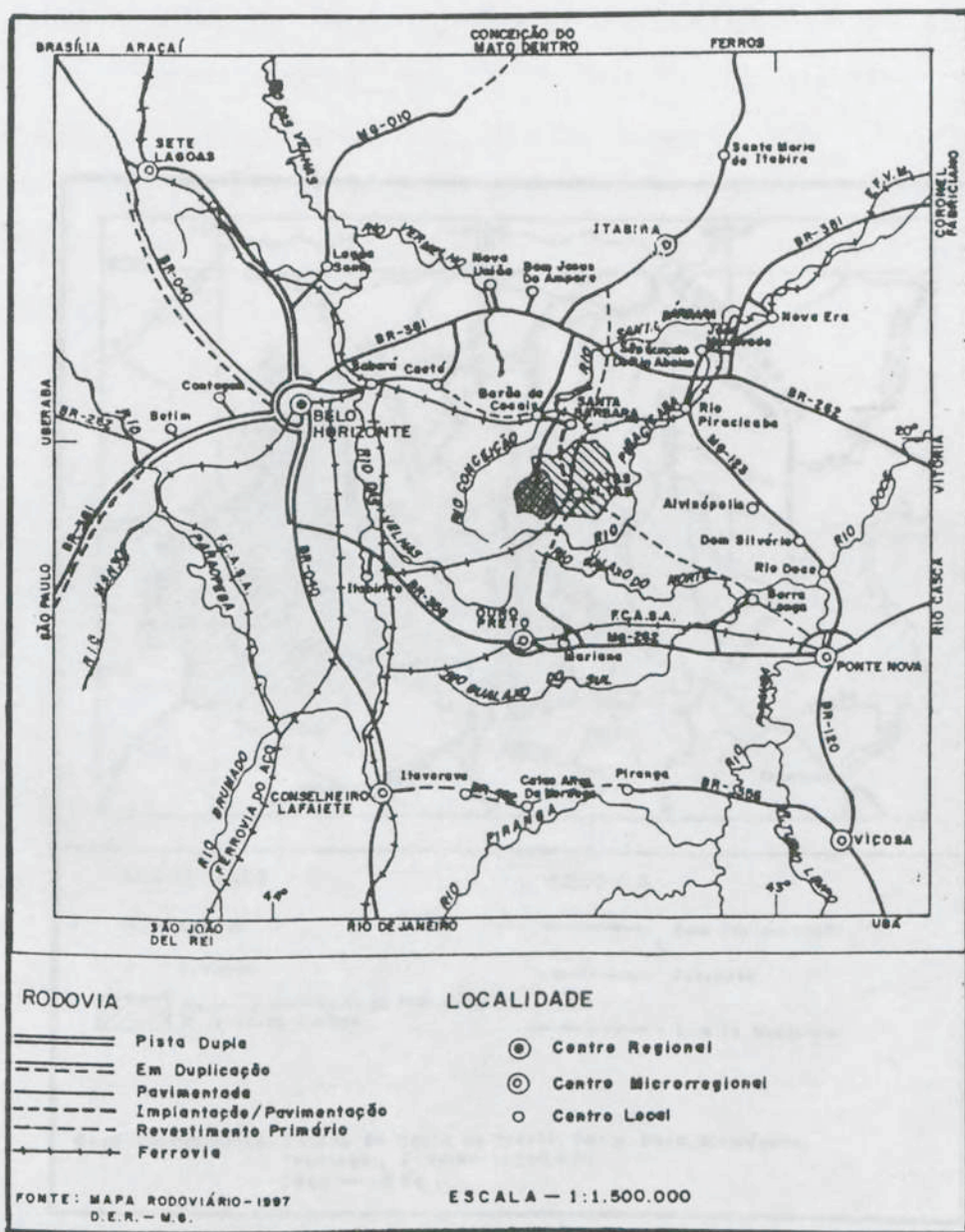


Figura 2 - Localização da Reserva Particular do Patrimônio Natural do Caraça, Minas Gerais (extraído de IGA, 1997).

De acordo com o autor mencionado, a diversidade da região do Cerrado preservação de uma diversidade biológica há muito ameaçada pela exploração de minerais.

A reserva é circundada por uma cadeia de montanhas integrantes do complexo da Serra do Espinhaço, as quais escondem espetaculares grutas e formam curiosas figuras como a caraça do gigante, da qual se originou o nome dado a atual reserva (Figura 4). De acordo com ZICO (1990), as rochas da região remontam ao Pré-cambriano, mas a atual topografia se formou no período terciário, na orogênese que levantou toda a cadeia do Espinhaço.

Os terrenos da reserva possuem altitudes que variam de 800 a 2.070 metros, sendo o ponto mais alto o Pico do Sol, seguido do Pico do Inficionado, com 2.064 metros, e do Pico da Carapuça, com 1.905 metros. O relevo é caracterizado por alternância de áreas aplainadas entre cristas e topos aguçados, esculpidas em rochas quartzíticas, vertentes retilíneas ravinadas e vales encaixados (IGA, 1997).



Figura 4 - Aspecto das cadeias de montanhas da área de estudo, com destaque para a que forma a caraça do gigante.

De acordo com o autor supracitado, a drenagem da região do Caraça contribui para a formação da bacia do rio Piracicaba, um dos mais importantes afluentes do rio Doce, através da bacia do ribeirão do Caraça. Esta última é formada pelo córrego da Bocaína, que nasce na encosta do Pico do Inficionado e deságua no rio Conceição, tendo como principais afluentes os córregos da Verruginha, da Canjerana, do Tabuão, da Cascatinha, da Barragem e do Brumadinho.

3.1.2. Dados bióticos

A fisionomia atual da cobertura vegetal nativa da região do Caraça e de seus arredores é decorrente da ação desbravadora dos bandeirantes durante o ciclo do ouro e também do ciclo do ferro, quando praticamente toda vegetação primitiva restante foi dizimada para alimentar o setor siderúrgico. Além disso, a expansão da pecuária extensiva após a decadência do ouro contribuiu para a transformação vegetal da região (IGA, 1997).

Os terrenos da reserva estão localizados em área de transição de dois importantes biomas brasileiros (Cerrado e Mata Atlântica), apresentando formas vegetais dos dois grupos. Nas partes mais baixas, a vegetação predominante é mais densa, sendo caracterizada por espécies de maior porte. Árvores de menor porte e troncos tortuosos aparecem quando se começa a subir a serra. Já nas grandes altitudes, a vegetação predominante é rala, típica dos campos rupestres (ZICO, 1990).

O fato de a reserva estar em região de ecótono faz com que ela apresente fauna e flora muito ricas, com espécies raras e endêmicas, algumas ameaçadas de extinção. Segundo ADEODATO e OLIVEIRA (1997), já foram catalogadas cerca de 200 espécies de orquídeas, além de 120 tipos de pássaros, incluindo o beija-flor-de-gravatinha-vermelha, um dos menores do mundo. No entanto, a maior atração fica por conta dos lobos-guará, que aparecem todas as noites no Santuário do Caraça em busca dos pedaços de carne que lhes são oferecidos, proporcionando um espetáculo único e imperdível.

3.1.3. Dados antrópicos

A história do Caraça tem mais de dois séculos, iniciando-se com a chegada do Irmão Lourenço em meados de 1770, que sonhava em fazer do Caraça um lugar de oração e estudo. Edificou a capela de Nossa Senhora Mãe dos Homens entre 1774 e 1780, a qual foi demolida em 1870 para ser reconstruída em estilo gótico (a primeira do País). Entretanto, o sonho do Irmão Lourenço só foi concretizado após a sua morte, quando, em 1820, os Padres Lazaristas fundaram o Colégio do Caraça, por onde passaram vários personagens ilustres da história brasileira, como Afonso Pena e Arthur Bernardes, até que, em 1968, um incêndio pôs fim ao colégio (ZIMMERMANN, 1996).

De acordo com o autor supracitado, depois do fechamento do colégio, era preciso encontrar uma nova função para o Caraça. As propostas foram as mais variadas, no entanto a abertura do Caraça para a visitação pública, aproveitando o patrimônio natural e o importante valor cultural da área, foi a função escolhida.

Antes de se tornar uma RPPN, o Caraça era conhecido como Parque Natural; em 1989, visando maior proteção da área, foi classificado como monumento natural através do Artigo 84 da Constituição. Contudo, a preocupação com a conservação da área data de muito antes. Com o objetivo de orientar os turistas e proteger a flora e a fauna locais, foi feito um convênio com a Fundação Brasileira para Conservação da Natureza (FBCN) em 1976, e em 1982 com o IBDF - Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (ZICO, 1990). Só em 1992, através da Portaria 32/94 e do Decreto 98.914, o Caraça passou a ter o registro de RPPN, o que representou o apoio formal do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) e da Polícia Florestal no gerenciamento da reserva (ZIMMERMANN, 1996).

3.1.4. Principais atrativos do Caraça

Além da riquíssima diversidade da flora e fauna do Caraça, a região apresenta, de acordo com ZICO (1990), outros atrativos como os listados a seguir.

3.1.4.1. Recursos hídricos

Dentre os recursos hídricos, a Cascatinha com seus 50 m de queda é o ponto mais visitado. É de fácil acesso, gastando-se aproximadamente 30 minutos de caminhada até a sua parte mais baixa. Suas quedas formam diversas piscinas naturais. A outra grande atração da reserva é a Cascatona, com 100 m de descida sobre pedras, de grande beleza cênica. Por mais fácil acesso (pode-se ir de carro por uma boa parte do percurso), pode-se chegar aos Taboões, à Piscina e ao Tanque Grande. Além desses pontos, o Caraça reserva outros atrativos hídricos, como o Banho do Belchior e a Cachoeira do Gambá.

3.1.4.2. Picos e grutas

O ponto mais alto da Reserva é o Pico do Sol, com 2.070 m de altitude. O Pico do Inficionado (2.064 m de altitude), o da Carapuça (1.905 m de altitude) e o do Cruzeiro (localizado próximo ao santuário e de mais fácil acesso) são os mais visitados. Além desses, fazem parte da cadeia de montanhas do Caraça os picos da Canjerana, da Conceição, da Verruguinha, etc. Para se chegar até os picos é preciso alguma experiência, sendo aconselhável a ajuda de um guia. Entre as grutas mais conhecidas estão a do Centenário, maior gruta em quartizito do mundo, a da Bocaína, a de Lourdes e a do Padre Caio.

3.1.4.3. Capelinha

Entre a Gruta de Lourdes e o Pico da Carapuça, têm-se as ruínas da Capela do Sagrado Coração (ou Capelinha), que foi construída para servir como local de oração para os seminaristas. Encontra-se bastante depredada pelos visitantes, por ser um ponto bastante visitado, do qual se tem uma visão privilegiada da paisagem do Caraça.

3.1.4.4. O conjunto arquitetônico e seus arredores

O conjunto arquitetônico (Figura 5), localizado no coração da reserva a aproximadamente 1.400 m de altitude, é formado pela igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens, a pousada do Caraça, o prédio do colégio, o claustro, o relógio do sol, as catacumbas, etc. A igreja foi construída em estilo gótico, entre adornos de mármore e pedra-sabão. Possui algumas relíquias, como, o corpo de São Pio Mártir, vitrais franceses doados por Dom Pedro II, um órgão de cedro com 700 tubos e um quadro da Santa Ceia pintado por Mestre Ataíde. Várias outras relíquias, entre peças religiosas, históricas e de arte, encontram-se expostas no museu do Caraça.



Figura 5 - Conjunto Arquitetônico e seus arredores.

Fazem parte dos arredores do conjunto arquitetônico os jardins, o calvário, a lanchonete, a casa das sampaias e o banho do imperador.

3.2. Infra-estrutura de apoio ao visitante

Para a avaliação da infra-estrutura de apoio ao visitante no Caraça, procedeu-se, inicialmente, uma consulta à literatura. Utilizaram-se, para isso, os trabalhos de ZICO (1982), ZICO (1990) e ZIMMERMANN (1996), além de entrevistas informais realizadas com o diretor, padres e funcionários da reserva e também com os visitantes. Após esta consulta, iniciaram-se os trabalhos de campo, realizados por meio de observações direta na área. Para melhor consistência do trabalho e visando atender o aspecto didático, sempre que possível, fez-se o registro fotográfico.

A avaliação foi feita, inicialmente, no mês de julho de 1997, sendo a área reavaliada no decorrer das coletas de dados sobre o perfil do visitante, que aconteceram até abril de 1998.

3.3. Pontos turísticos mais visitados

A avaliação dos pontos turísticos também foi feita "in loco", acrescentada de entrevistas informais realizadas com o diretor, padres e funcionários da reserva e também com os guias e visitantes. E pelos mesmos motivos discutidos anteriormente, lançou-se mão de registros fotográficos.

A avaliação "in loco" consistiu no percurso dos pontos turísticos selecionados, observando-se, tanto nas trilhas de acesso como nos pontos propriamente ditos, as condições reais dos seguintes aspectos: estado de conservação; infra-estrutura; presença de lixo; e sinalização.

Adotaram-se para a avaliação (subjetiva) destes aspectos, neste trabalho, as seguintes simbologias:

- **Conservação:**

- ☺☺☺ = bom estado de conservação, o que significa um local que não apresenta problemas de erosão ou de depredação;
- ☺☺ = estado médio de conservação, ou seja, apresenta algum tipo de problema referente a processos erosivos ou atos de vandalismo;

☹ = péssimo estado de conservação, o que quer dizer que o local avaliado apresenta sérios problemas de erosão ou de depredação.

• Infra-estrutura:

🏠🏠🏠 = boa infra-estrutura, o que significa que o local possui vários tipos de infra-estrutura, como banheiros, lixeiras, churrasqueiras;

🏠🏠 = infra-estrutura precária, ou seja, apresenta apenas um ou dois tipos de infra-estrutura, podendo ser lixeiras, água potável ou outra qualquer;

🏠 = infra-estrutura inexistente.

• Sinalização:

⊙⊙⊙ = boa sinalização, ou seja, apresenta placas sinalizadoras, trilha bem demarcada;

⊙⊙ = má sinalização, o que significa que o local pode até possuir placas sinalizadoras, porém estas encontram-se em locais inadequados e em péssimas condições;

⊙ = péssima sinalização, o que significa a inexistência de placas sinalizadoras ou bifurcações não-sinalizadas

• Lixo:

🗑🗑🗑 = muito lixo na área;

🗑🗑 = quantidade média de lixo na área;

🗑 = pouco lixo na área;

Como a oferta de atrativos turísticos do Caraça é muito grande, o que dificultaria a avaliação de todos eles, optou-se pela escolha dos 10 pontos turísticos mais visitados. A escolha destes pontos foi feita a partir das informações parciais colhidas nas entrevistas realizadas com os visitantes (coletas de maio e junho) e com o diretor (Padre Célio De L'amore) e funcionários da reserva do Caraça.

A avaliação foi feita no mês de julho, principalmente por ser um mês de férias escolares, o que aumenta o número de visitantes ao Caraça. Entretanto, alguns pontos foram reavaliados em outras oportunidades.

3.4. Perfil do visitante

A metodologia adotada neste trabalho para o levantamento do perfil dos visitantes do Caraça foi a de entrevistas realizadas no campo por meio de um formulário-padrão (Anexo 1). A escolha desta metodologia deu-se pelos mesmos motivos que levaram MAGRO et al. (1990) a adotá-la em seu trabalho, ou seja, pela sua eficiência de amostragem e pela extensão do formulário (22 perguntas).

A elaboração do formulário foi feita com base nos trabalhos de BENÍTEZ (1988), MENA (1988), BOO (1990), MAGRO et al. (1990), BINI et al. (1992), BONTEMPO (1992), MACEDO e PINTO (1996). Foram levantados dados de aspectos sócio-econômicos dos visitantes do Caraça, além de suas preferências, comportamentos, reclamações e sugestões em relação à área de estudo.

As entrevistas foram individuais, de modo a evitar interferência nas respostas, realizadas nos pontos em que havia maior concentração de pessoas ou no caminho destes, sem que houvesse uma preparação dos entrevistados.

A escolha dos entrevistados foi feita aleatoriamente, sempre com a preocupação de tentar abranger os mais variados públicos. O número de entrevistados foi estabelecido de acordo com o fluxo de visitantes nos dias da coleta, buscando sempre um número representativo de cada grupo. De acordo com o conteúdo do formulário e do objetivo desta avaliação, optou-se por entrevistar somente as pessoas cuja idade fosse superior a 14 anos, ou seja, com uma certa maturidade para responder as perguntas.

O período de coleta dos dados foi de maio de 1997 a abril de 1998, dando-se preferência aos finais de semana com feriado, pois nesta situação tem-se uma amostragem mais diversificada.

A abordagem para as entrevistas foi feita da forma mais espontânea possível, na qual o entrevistador se apresentava e explicava de forma sucinta os objetivos do trabalho. As questões foram dispostas de modo a prender ao

máximo a atenção e o interesse dos entrevistados, sem, contudo, ser cansativo.

Num primeiro momento, analisou-se a freqüência de cada pergunta, de modo a obter o padrão geral das características dos visitantes do Caraça. Após esta análise, procedeu-se aos testes das hipóteses levantadas, utilizando para tal um teste de Qui-Quadrado. Para testar as hipóteses, efetuou-se uma distinção dos questionários com base no tempo de permanência da pessoa no Caraça, separando os que passaram menos de uma noite dos que passaram de uma ou mais noites. Para cada um destes grupos, analisaram-se as respostas dadas sobre infra-estrutura e, ou, serviços no Caraça e sobre locais visitados.

As hipóteses levantadas estão relacionadas com a influência que o tempo de permanência do visitante no Caraça exerce sobre os locais a serem visitados e com a percepção que o visitante tem da infra-estrutura e, ou, dos serviços oferecidos pelo Caraça.

4.1. Avaliação da infra-estrutura de apoio ao visitante

Com base na literatura consultada, entrevistas realizadas e observações pessoais, não apresentadas e discutidas, a seguir, as infra-estruturas do Caraça, bem como as condições em que essas se encontram.

O Caraça possui uma secretaria que funciona como uma recepção, onde se fornecem informações sobre hospedagem, alimentação, opções de passeio e de regulamentos da Reserva. Além disso, vendem-se "souvenirs" do Caraça e outros tipos de lembranças. Encontra-se em local de fácil acesso e com sinalização suficiente. De acordo com EMBRATUR (1994), a recepção é de grande importância para o visitante, pois é neste local que ele pode obter informações mais completas sobre a área a ser visitada.

Não há um centro de visitantes, porém, há uma sala para a projeção de audiovisual, próxima ao refeitório, onde funciona a cineoteca e a biblioteca. Todos os dias, nesta sala, é exibido para os hóspedes um documentário sobre a Reserva, além de um breve relato sobre a história do Caraça. No entanto,

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No sentido de facilitar a compreensão dos resultados obtidos, este item foi subdividido em três partes: avaliação da infra-estrutura de apoio ao visitante; avaliação dos pontos turísticos mais visitados; e avaliação do perfil do visitante e teste de hipóteses.

4.1. Avaliação da infra-estrutura de apoio ao visitante

Com base na literatura consultada, entrevistas realizadas e observações pessoais, são apresentadas e discutidas, a seguir, as infra-estruturas do Caraça, bem como as condições em que estas se encontram.

O Caraça possui uma secretaria que funciona como uma recepção, onde se fornecem informações sobre hospedagem, alimentação, opções de passeio e os regulamentos da Reserva. Além disso, vendem-se "souvenirs" do Caraça e outros tipos de lembranças. Encontra-se em local de fácil acesso e com sinalização suficiente. De acordo com EMBRATUR (1994), a recepção é de grande importância para o visitante, pois é neste local que ele pode obter informações mais completas sobre a área a ser visitada.

Não há um centro de visitantes, porém, há uma sala para a projeção de audiovisuais próxima ao refeitório, onde funciona a pinacoteca e a biblioteca. Todos os dias, nesta sala, é exibido para os hóspedes um documentário sobre a Reserva, além de um breve relato sobre a história do Caraça. No entanto,

poderia ser utilizada uma parte do antigo prédio do colégio para a montagem de um centro de visitantes, transferindo as atividades mencionadas anteriormente para este local, além de promover exposições sobre os principais atributos da Reserva e palestras educativas para todos os visitantes. Espera-se com isso despertar nos visitantes o sentimento de respeito e de conservação pelos recursos turísticos do local, bem como pelo meio ambiente como um todo. O ideal seria que os visitantes passassem primeiramente neste local para, então, conhecerem os outros atrativos da área.

Há dois restaurantes na Reserva. O mais antigo possui uma capacidade de acomodação de aproximadamente 100 pessoas, oferecendo café da manhã e outras refeições quando o público é reduzido. O outro é restaurante mais novo (Figura 6), com capacidade para 200 pessoas. Este oferece almoço e jantar nos finais de semana e feriados ou quando a demanda nos dias de semana é grande. A comida é servida no estilo "self-service". Muitos dos produtos servidos nestes restaurantes são produzidos no próprio Caraça, privilegiando a culinária local, como é relatado em EMBRATUR (1994).

Não há áreas de "camping" no Caraça. Entretanto, é oferecido um serviço de hospedagem (Figura 7), com capacidade para aproximadamente 150 pessoas, em pousada, na Casa da Ponte e na Casa das Sampaiais, a qual foi restaurada há pouco tempo e que, geralmente, abriga grupos de até 40 pessoas.

As trilhas são muitas e apresentaram, como principais problemas, tanto no seu início quanto no seu percurso, má sinalização, processos de erosão e oferta precária de infra-estrutura. Quase todas as trilhas necessitam de uma reavaliação ou, na pior das hipóteses, de manutenção. Na avaliação dos pontos turísticos (item 4.2), serão discutidos, de forma mais aprofundada, os problemas referentes às trilhas do Caraça.

Com relação aos recursos turísticos do Caraça, a diversidade de oferta é muito expressiva. As oportunidades de banhos na área são abundantes, podendo ocorrer na Cascatinha, na Cascatona, em Taboões, no Banho do Belchior, na Piscina, etc. O local oferece duas áreas para piqueniques, equipadas com churrasqueiras, banheiros, lixeiras, mesas e bancos. A fauna e a flora locais são também atrativos bastante apreciados pelos visitantes.

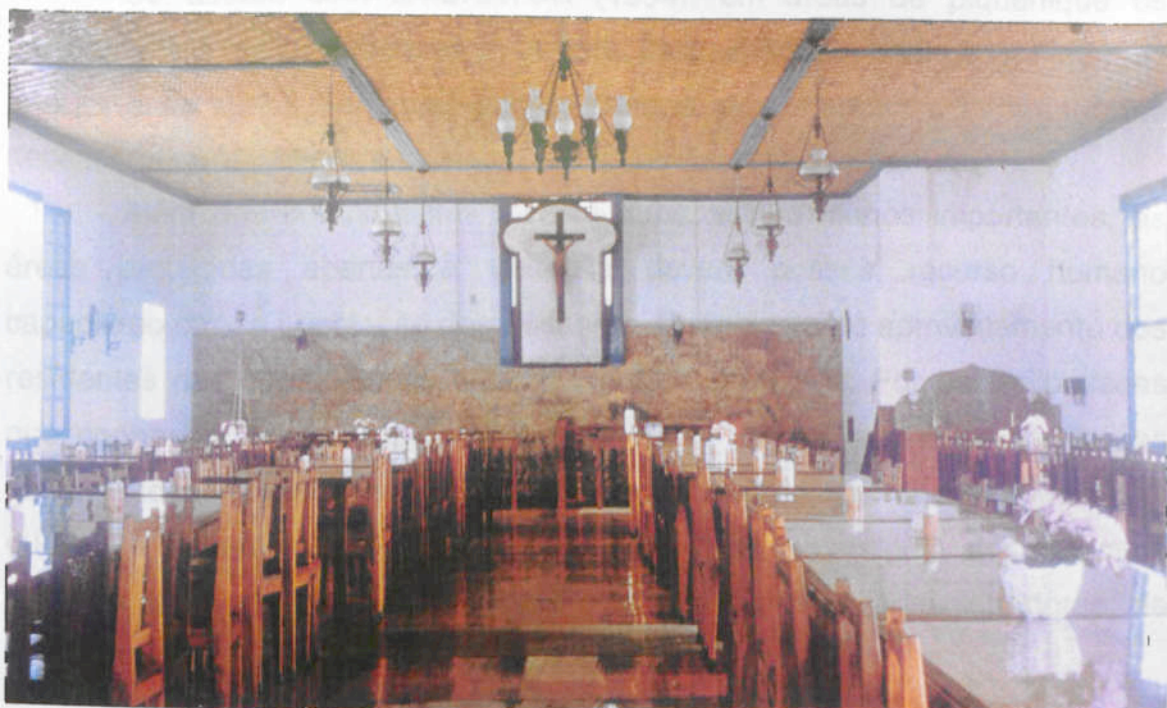


Figura 6 - Restaurante com capacidade para aproximadamente 200 pessoas.



Figura 7 - Detalhes da infra-estrutura interna do serviço de hospedagem.

De acordo com EMBRATUR (1994), em áreas de piquenique os equipamentos básicos são mesas, bancos, lixeiras, água e banheiros. Notou-se que as duas zonas de piquenique do Caraça apresentaram a infra-estrutura necessária para garantir a qualidade da experiência dos visitantes.

Além dos componentes mencionados, e não menos importantes, as áreas protegidas abertas à visitação devem possuir recurso humano capacitado para a orientação dos visitantes. O ideal seria o aproveitamento dos residentes nas comunidades próximas à área protegida. Por serem pessoas que conhecem bem a região, isso contribuiria para o envolvimento dessas comunidades na conservação dos recursos da área. De acordo com BOO (1990), a estratégia de incluir a população local no manejo dos recursos naturais vem sendo adotada por conservacionistas e administradores de parques.

Segundo informações do Padre Célio De L'amore, diretor do Caraça, o aproveitamento da mão-de-obra local está sendo feito na área, onde já há pessoas da região ajudando no trabalho de educação ambiental, orientação dos visitantes, etc. Além disso, algumas pessoas da região oferecem serviço de guia turístico, o que é essencial quando se quer conhecer pontos mais distantes, os quais são de difícil acesso.

Ainda que deficiente em alguns aspectos, o Caraça está entre as poucas áreas protegidas do Brasil abertas ao público, que oferecem alguma infra-estrutura de suporte aos visitantes.

Diante do exposto, não há muito a acrescentar para o desenvolvimento geral do ecoturismo no Caraça, até mesmo porque esta atividade não requer infra-estrutura muito sofisticada. O que pode e deve ser potencializado são as trilhas de acesso e os pontos turísticos propriamente ditos, além evidentemente da manutenção periódica.

Não se pode esquecer, porém que o aumento da oferta de infra-estrutura deve ocorrer associado a uma eficiente fiscalização e com trabalhos de educação ambiental; em caso contrário os danos ao meio ambiente serão maiores, e, conseqüentemente, a qualidade da experiência dos visitantes será menor.

4.2. Avaliação dos pontos turísticos mais visitados

Com base nas informações colhidas nas entrevistas com os visitantes, diretor e funcionários do Caraça, os dez pontos turísticos mais visitados em ordem decrescente, desconsiderando o Conjunto Arquitetônico e seus arredores, foram: Cascatinha, Cascatona, Capelinha, Tanque Grande, Taboões, Cruzeiro, Piscina, Gruta da Bocaína, Gruta de Lourdes e Mirante, os quais se encontram assinalados no esquema da Figura 8.

De acordo com o Quadro 2, os atrativos turísticos avaliados, de modo geral, apresentaram deficiência de infra-estrutura e de sinalização como seus principais problemas. Contudo, dentro de cada um dos aspectos avaliados, há alguma situação crítica que merece ser discutida separadamente.

Dos pontos turísticos avaliados, a Piscina é a mais estruturada, possuindo quiosques, churrasqueiras, lixeiras e, recentemente, banheiros (Figura 9).

No final da trilha da Cascatinha, há uma área de descanso, equipada com um quiosque e algumas churrasqueiras, porém, não se encontra em condições apropriadas de uso, necessitando de algumas reformas. Algumas trilhas de acesso, como a da Cascatinha, Gruta de Lourdes e Bocaína, oferecem água potável em alguns trechos do seu percurso. No entanto, esta oferta está relacionada com a época do ano, estando bastante limitada na época mais seca. Os demais pontos turísticos não apresenta se quer lixeiras.

No que diz respeito ao estado de conservação das trilhas de acesso e de pontos turísticos, os principais problemas estão relacionados com processos erosivos e atos de vandalismo. A Capelinha, por exemplo, é o ponto que está em situação mais alarmante, praticamente toda pichada (Figura 10).

O interior da Gruta de Lourdes e o oratório da Cascatona também apresentaram pichações, porém em menor intensidade. Já a trilha da Cascatinha teve quase todas as suas placas interpretativas arrancadas pelos visitantes. E com relação à erosão, esta trilha foi a que apresentou o maior problema. Várias partes do seu percurso se encontram erodidas, inclusive com alguns trechos em estágio erosivo avançado (Figura 11).

Este resultado já era esperado, pois a trilha da Cascatinha é a mais freqüentada pelos visitantes. No geral, quanto maior a intensidade de visitação de um ponto turístico, maior o seu desgaste.

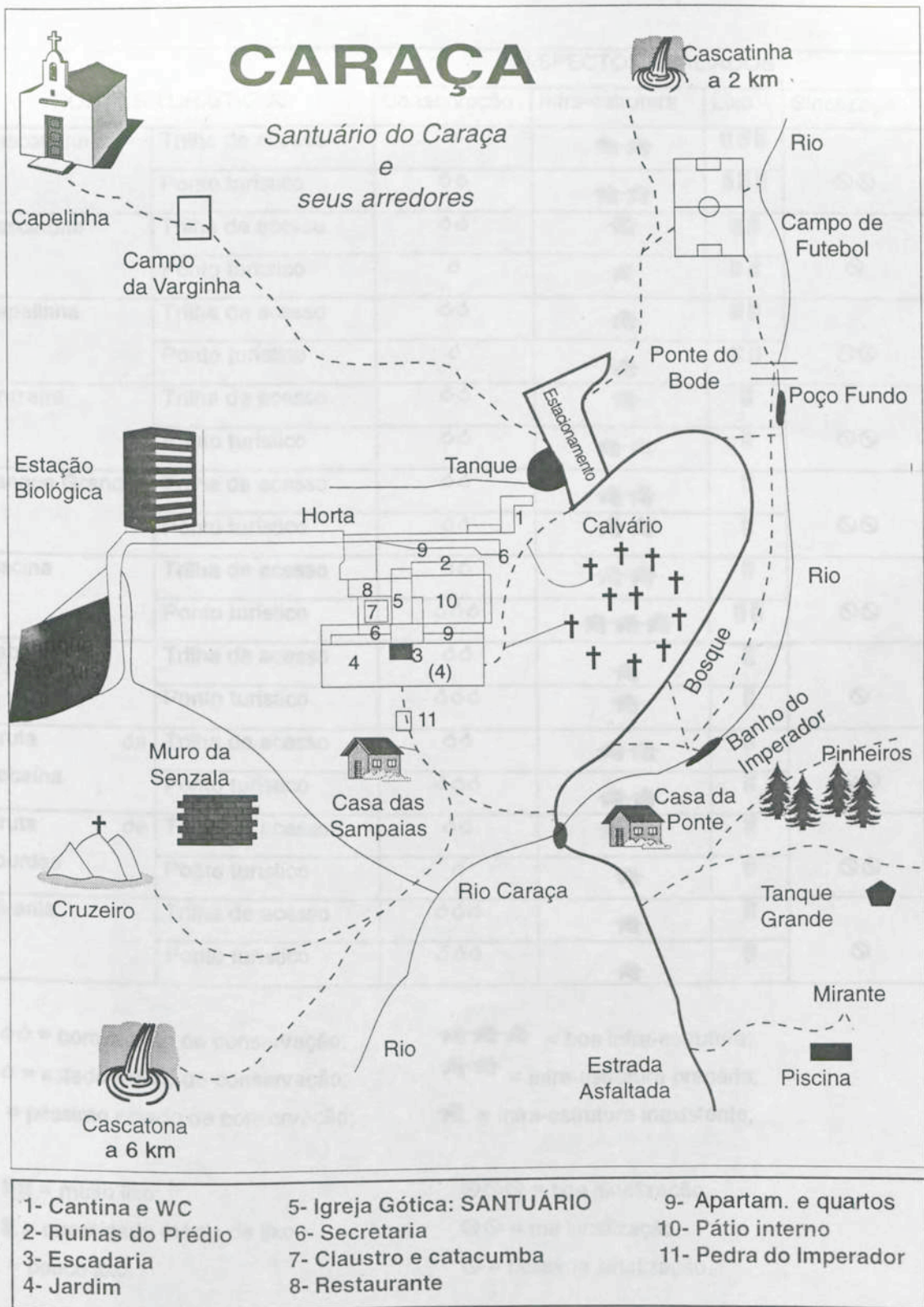


Figura 8 - Esquema representando os principais atrativos do Caraça, destacando-se os dez pontos turísticos avaliados neste trabalho ("folder" distribuído aos visitantes do Caraça).

Quadro 2 - Resultados dos aspectos avaliados nos pontos turísticos escolhidos para avaliação

PONTOS TURÍSTICOS		ASPECTOS AVALIADOS			
		Conservação	Infra-estrutura	Lixo	Sinalização
Cascatinha	Trilha de acesso	♠	🏠🏠	🗑️🗑️🗑️	⊗⊗
	Ponto turístico	♠♠	🏠🏠	🗑️🗑️🗑️	
Cascatona	Trilha de acesso	♠♠	🏠	🗑️🗑️	⊗
	Ponto turístico	♠	🏠	🗑️🗑️	
Capelinha	Trilha de acesso	♠♠	🏠	🗑️🗑️	⊗⊗
	Ponto turístico	♠	🏠	🗑️🗑️	
Cruzeiro	Trilha de acesso	♠♠	🏠	🗑️	⊗⊗
	Ponto turístico	♠♠	🏠🏠	🗑️	
Tanque Grande	Trilha de acesso	♠♠	🏠🏠	🗑️	⊗⊗
	Ponto turístico	♠♠	🏠🏠	🗑️	
Piscina	Trilha de acesso	♠♠	🏠🏠	🗑️	⊗⊗
	Ponto turístico	♠♠♠	🏠🏠🏠	🗑️🗑️	
Taboões	Trilha de acesso	♠♠	🏠	🗑️	⊗
	Ponto turístico	♠♠♠	🏠	🗑️	
Gruta da Bocaína	Trilha de acesso	♠♠	🏠🏠	🗑️	⊗⊗
	Ponto turístico	♠♠♠	🏠🏠	🗑️	
Gruta de Lourdes	Trilha de acesso	♠♠	🏠🏠	🗑️	⊗⊗
	Ponto turístico	♠	🏠	🗑️	
Mirante	Trilha de acesso	♠♠♠	🏠	🗑️	⊗
	Ponto turístico	♠♠♠	🏠	🗑️	

♠♠♠ = bom estado de conservação;
 ♠♠ = estado médio de conservação;
 ♠ = péssimo estado de conservação;

🏠🏠🏠 = boa infra-estrutura;
 🏠🏠 = infra-estrutura precária;
 🏠 = infra-estrutura inexistente;

🗑️🗑️🗑️ = muito lixo;
 🗑️🗑️ = quantidade média de lixo;
 🗑️ = pouco lixo;

⊗⊗⊗ = boa sinalização;
 ⊗⊗ = má sinalização;
 ⊗ = péssima sinalização.

Figura 10 - Visão da Capelinha, com destaque para as picheações



Figura 9 - Infra-estrutura da área da Piscina.

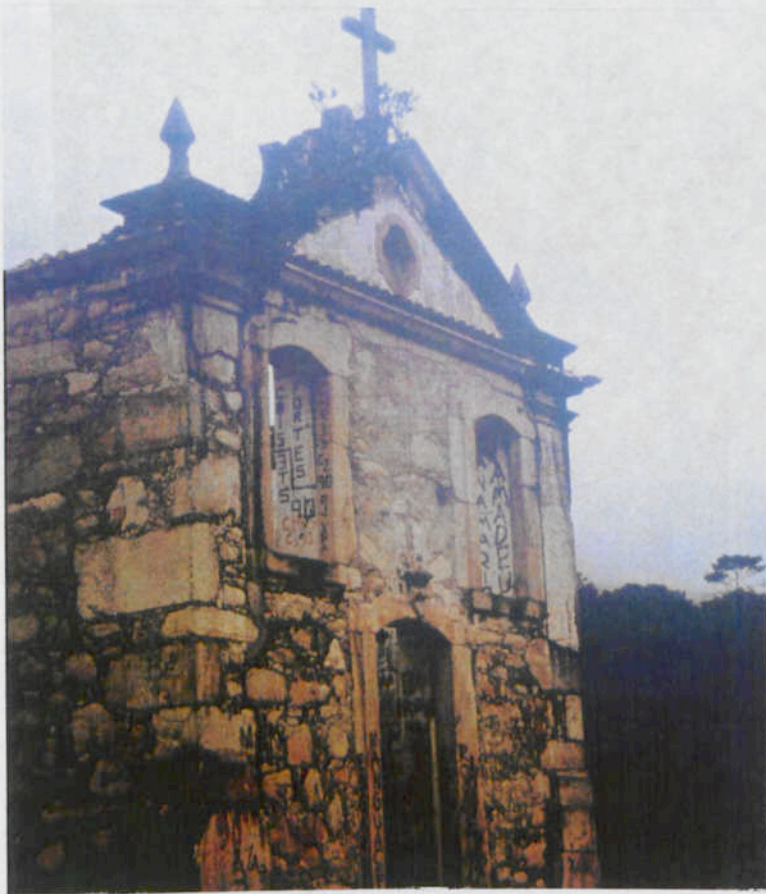


Figura 10 - Visão da Capelinha, com destaque para as pichações.



Figura 11 - Parte do percurso da trilha da Cascatinha que apresenta estágios avançados de erosão.

Diante do estado de conservação das trilhas provocado pelo excesso de pessoas no local, torna-se evidente a necessidade de um estudo da capacidade de carga desses pontos, bem como de outros, de modo a minimizar os impactos causados pela visitação. Para corrigir os danos já causados pela atividade turística na área, podem-se adotar algumas medidas como a construção de trilhas alternativas para se fazer revezamento, de modo a permitir a recuperação das trilhas danificadas reduzindo ou limitando o seu funcionamento. Trabalhos de conscientização ambiental com os visitantes podem vir a ajudar na conservação, tanto das trilhas como dos pontos turísticos.

A sinalização dos pontos turísticos avaliados mostrou-se bastante deficiente. Algumas trilhas, como a do Taboões (Figura 12), apresentam bifurcações sem que haja qualquer informação sobre seus destinos.



Figura 12 - Bifurcação sem sinalização na trilha do Taboões.

As trilhas, em sua maioria, não possuem placas indicativas suficientes. As informações referentes à distância da trilha, ao tempo gasto para percorrê-la, ao grau de dificuldade, entre outras, só existem na trilha da Cascatinha. Esta trilha, implantada em parceria com a Fundação Biodiversitas, é a única autoguiada do Caraça. Entretanto, como já discutido anteriormente, encontra-se bastante depredada, restando somente algumas placas interpretativas.

Não só as trilhas do Caraça apresentam problemas. De acordo com ANDRADE e ROCHA (1990), as trilhas nas áreas naturais do Brasil, principalmente as de longa duração, não recebem qualquer tipo de manutenção; apresentam problemas de erosão; possuem pontos críticos com relação à segurança; apresentam bifurcações que não levam a lugar nenhum; e ainda carecem de mapas e sinalização.

De acordo com a EMBRATUR (1992), a sinalização turística de uma área deve possibilitar ao visitante que nada conhece do local ou da região chegar ao atrativo turístico desejado de forma segura e planejada.

O "folder" distribuído aos visitantes do Caraça, onde se tem a localização dos principais atrativos da área (Figura 8), com certeza ajuda o visitante a se direcionar dentro do Caraça. Entretanto, as informações contidas neste esquema são insuficientes para garantir o sucesso da conquista do atrativo desejado e a segurança dos visitantes.

Segundo EMBRATUR (1994), o início e o decorrer das trilhas devem estar equipados com sanitários, água potável, lixeiras, placas educativas e de sinalização. É extremamente necessário ter no início das trilhas informações a respeito da área a visitar, dos sinais utilizados, da distância, do grau de dificuldade das trilhas e do comportamento a adotar.

A ineficiência na sinalização de um atrativo turístico pode trazer conseqüências sérias tanto para o visitante quanto para o meio ambiente. Os danos para os visitantes vão desde à sua frustração, por não ter alcançado o atrativo desejado, até o risco de se perderem ou sofrerem algum acidente. Já para o meio ambiente, os danos estão relacionados à destruição de alguns de seus atributos.

Diante do exposto, pode-se dizer que, no geral, as trilhas do Caraça não cumprem de forma adequada o seu papel de suprir as necessidades recreacionais dos visitantes de forma segura e confortável, bem como o de

garantir a estabilidade do meio ambiente. Dessa forma, torna-se essencial uma reavaliação das trilhas do Caraça, a qual deve ser realizada por uma equipe capacitada profissionalmente, de modo a se implantar uma sinalização adequada, corrigir os pontos críticos, evitando problemas futuros.

Em relação à questão do lixo, o ponto mais crítico foi a Cascatinha. Tanto no decorrer da trilha quanto nos arredores da cascata, observou-se grande quantidade de lixo, mesmo sendo esta trilha a que possui o maior número de lixeiras. Nos outros pontos, havia uma ou duas lixeiras e, no entanto, estes apresentaram menor quantidade de lixo. Há duas possíveis explicações: a maior freqüência de visitação da Cascatinha, em relação aos demais pontos, torna o número de lixeiras insuficientes à demanda, ou os visitantes que freqüentam a Cascatinha são menos conscientes quanto ao problema do lixo.

Estes resultados podem ter sido mascarados pela data de avaliação, pois, de acordo com funcionários da Reserva e guias locais, trilhas como a da Cascatona e da Capelinha, também apresentam problemas com lixo. Dessa forma, torna-se necessária uma nova avaliação, de preferência após um final de semana prolongado, que venha retratar a realidade da questão do lixo no Caraça.

O problema do lixo existe e não deve ser ignorado. Uma das formas mais eficazes de tentar resolvê-lo será desenvolver um trabalho de educação e conscientização ambiental dos visitantes, e também aumentar o número de lixeiras na área da reserva.

Alguns desses pontos avaliados sofreram alterações no decorrer do trabalho. A trilha da Cascatinha, por exemplo, teve o seu problema de erosão momentaneamente solucionado com a passagem de um trator-esteira por todo a sua extensão. No entanto, esta medida corretiva descaracterizou a trilha em questão e abriu espaço para a entrada de veículos motorizados até bem próximo à Cascatinha (Figura 13). Além disso, em pouco tempo o problema de erosão se fará notar de forma ainda mais acentuada.

Já a área da Piscina foi incrementada com a construção de banheiros, e vários pontos tiveram uma melhoria no que diz respeito à sinalização, com o aumento do número de placas e substituição das que estavam danificadas.



Figura 13 - Veículo motorizado próximo a área de banho da Cascatinha, promovendo uma descaracterização da trilha, além de aumentar os riscos de acidentes.

Estas mudanças, ainda que não realizadas no contexto de um planejamento interpretativo, demonstra o interesse pela busca da melhor solução por parte da administração do Caraça.

No mais, para que se consigam resultados positivos com a atividade turística, tanto para o visitante como para o meio ambiente, é preciso que os aspectos discutidos anteriormente sejam levados em consideração por parte dos responsáveis pela administração da área, e qualquer alteração deve ser avaliada e planejada por profissionais especializados, de modo a evitar maiores problemas no futuro.

4.3. Avaliação do perfil do visitante

Foram entrevistados 962 visitantes do Caraça, no período de um ano.

Para melhor apresentação dos dados obtidos nesta entrevistas, optou-se por uma subdivisão deste item, como se verá a seguir:

4.3.1. Perfil social

4.3.1.1. Sexo e idade dos visitantes

Pode-se dizer que a presença de homens (52,2%) e mulheres (47,8%) no Caraça está equilibrada, e que a idade predominante variou entre 21-40 anos. Contudo, o número de visitantes com mais de 40 e menos de 20 anos de idade também foi bastante expressivo (Figura 14).

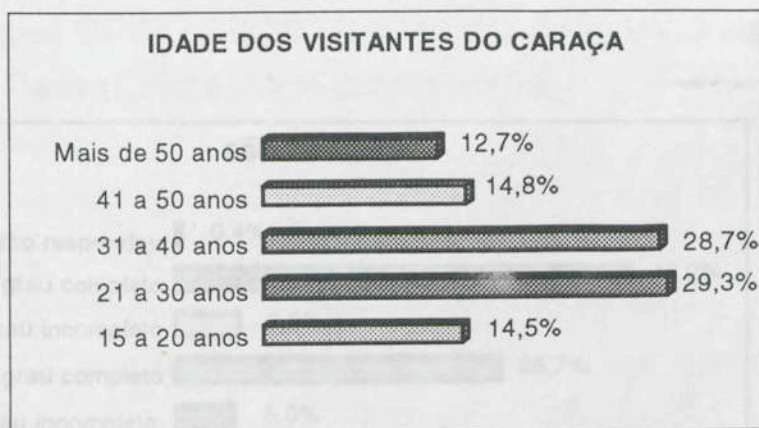


Figura 14 – Distribuição dos visitantes do Caraça por classes de idade.

A predominância desta classe de idade pode ser atribuída à necessidade monetária para cobrir os gastos com o passeio (alimentação, transporte, hospedagem, etc.) e ao vigor físico dos visitantes. A questão financeira, geralmente, torna-se um fator limitante para os mais novos que ainda não possuem independência financeira, e o vigor físico, provavelmente, é limitante para os mais idosos.

PINTO Dessa forma, estes resultados relativos à faixa etária dos visitantes devem ser considerados pela direção do Caraça na hora de se planejar as atividades recreativas. De acordo com MARTINS (1996), é preciso criar atividades diferenciadas para cada idade, respeitando seus limites e suas potencialidades. Deve-se preparar o local para receber os diversos tipos de público, construindo caminhos de mais fácil acesso para os mais idosos, outros com alguns obstáculos para os mais novos, locais para recreação infantil, etc.

4.3.1.2. Nível de escolaridade dos visitantes

O visitante do Caraça apresentou, em sua maioria, um nível de escolaridade alto, tendo 40,2% e 28,7% dos entrevistados completado, respectivamente, o curso superior e o segundo grau (Figura 15).

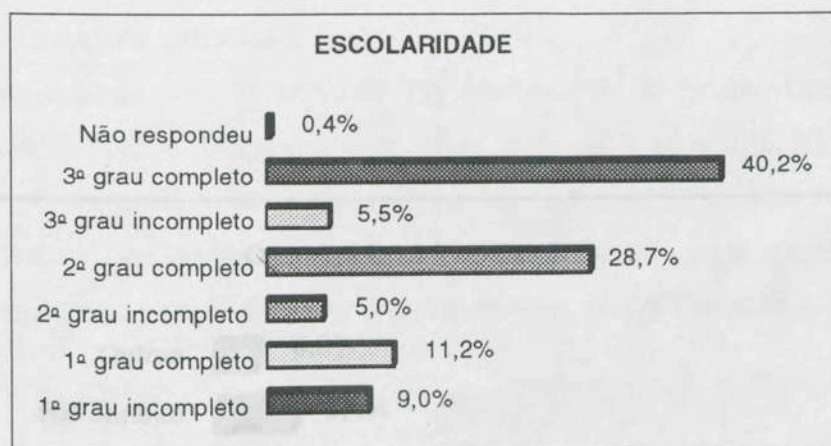


Figura 15 - Nível de escolaridade dos visitantes do Caraça.

Resultados semelhantes foram obtidos na definição do perfil do visitante do Parque Nacional do Caparaó, realizada por BONTEMPO (1992), e do Parque Nacional da Chapada dos Guimarães, realizada por MACEDO e

PINTO (1996). Já TAKAHASHI e MARTINS (1990), ao definirem o perfil do visitante do Parque Municipal de Ingá, observaram que o nível de escolaridade dos visitantes foi baixo, tendo cerca de 60% dos entrevistados completado apenas o primeiro grau.

A formação acadêmica dos indivíduos pode ser um fator de interferência na sua conscientização da conservação da natureza, pois os de maior formação tendem a ser os mais conscientes. Para TAKAHASHI e MARTINS (1990), o grau de conscientização da conservação da natureza não deve estar ligado apenas ao nível de escolaridade dos indivíduos, mas também a outros fatores como princípios adquiridos na formação da comunidade onde o indivíduo vive; e disponibilidade de locais de recreação e de recursos.

4.3.1.3. Origem dos visitantes

Já em relação ao local de origem dos visitantes (Figura 16), as cidades do Estado de Minas Gerais predominaram (82,3%), seguidas das cidades dos Estados de São Paulo (7,5%) e Rio de Janeiro (6,4%).

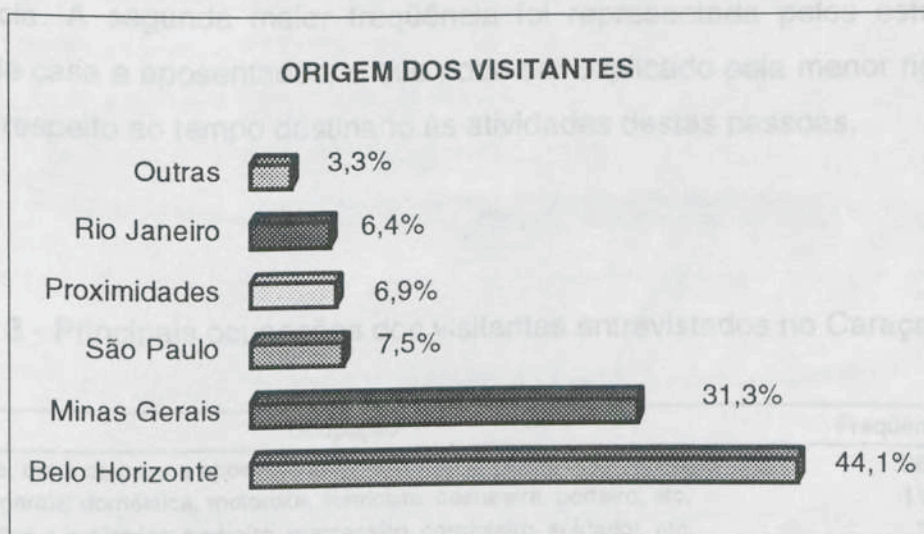


Figura 16 - Local de residência dos visitantes do Caraça.

O fato de o maior número de visitantes se originar de Belo Horizonte (44,1%) e outras cidades de Minas Gerais provavelmente está relacionado com a proximidade do Caraça. Nota-se que, quanto maior a distância das cidades em relação à Reserva, menor a freqüência de visitação, o que só não é válido para os visitantes oriundos das proximidades do Caraça.

Na caracterização dos usuários do Parque Estadual da Ilha Anchieta (SP), MAGRO et al. (1990) também observaram menor freqüência de visitação à medida que a distância percorrida até o Parque aumentava.

A baixa concentração de visitantes provenientes das proximidades do Caraça pode ser atribuída à dificuldade de acesso até o local, pois não existe um transporte coletivo que ligue as cidades vizinhas à Reserva do Caraça, ou, ainda, à falta de novidade que o Caraça representa para os visitantes das proximidades.

4.3.1.4. Ocupação dos visitantes

A ocupação dos visitantes do Caraça é bastante diversificada, abrangendo as mais variadas áreas (Quadro 3).

Como pode ser observado no Quadro 3, o grupo das profissões científicas, artísticas e técnicas, cujo nível cultural é elevado, foi o de maior freqüência. A segunda maior freqüência foi representada pelos estudantes, donas de casa e aposentados, o que pode ser explicado pela menor rigidez no que diz respeito ao tempo destinado às atividades destas pessoas.

Quadro 3 - Principais ocupações dos visitantes entrevistados no Caraça

Ocupação	Freqüência (%)
Estudante, dona de casa e aposentado	26,8
Serviços gerais: doméstica, motorista, eletricista, costureira, porteiro, etc.	11,0
Construções e indústrias: pedreiro, marceneiro, carpinteiro, soldador, etc.	3,4
Servidores administrativos: bancário, secretária, recepcionista, auxiliar, etc.	5,2
Servidores do comércio: comerciante, vendedor, balconista, corretor, etc.	9,5
Profissões científicas, artísticas e técnicas: professor, médico, dentista, desenhista, ator, técnicos em geral, etc.	38,5
Servidores militar, da justiça, público e diplomatas	4,5
Desempregado e sem condições de responder	1,1

Com base na ocupação dos visitantes, pôde-se notar que a maioria desempenha atividades em ambientes limitados, o que, para BONTEMPO (1992), é o motivo da valorização da recreação ao ar livre, uma vez que podem aliviar o "stress" adquirido com o trabalho.

4.3.2. Gastos com a visita

Quase a metade dos entrevistados teve um gasto individual de até 30,00 reais (Figura 17). Este resultado era de se esperar, pois 58,7% dos entrevistados passaram menos de 24 horas no Caraça, estando os seus gastos, geralmente, limitados à entrada, à alimentação e ao transporte. O gasto acima de 30,00 reais para os que passam menos de um dia, provavelmente, estava relacionado com a compra de algum "souvenir" do Caraça.

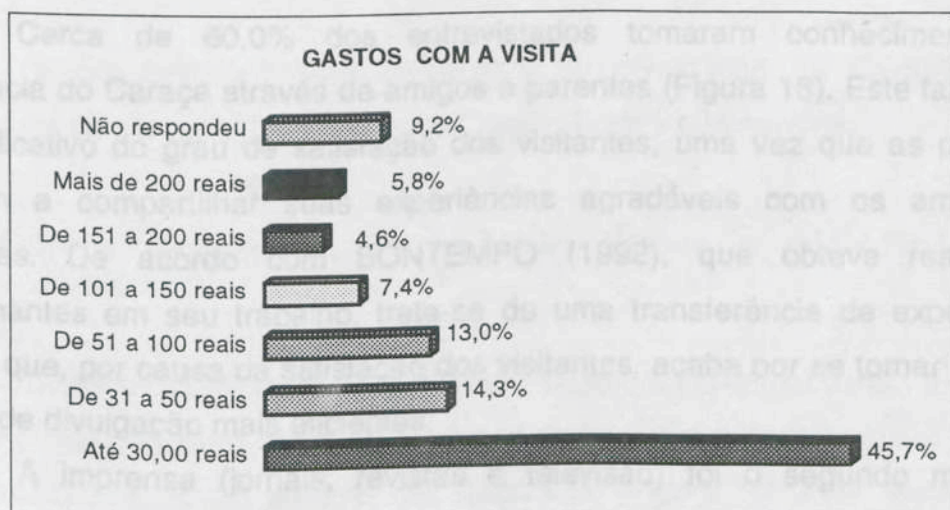


Figura 17 - Valores gastos pelos visitantes do Caraça com o passeio.

Observou-se, durante a coleta destes dados, que muitos visitantes traziam alimentação de casa, o que pode ter ocorrido por falta de informação da existência de um restaurante no Caraça, ou mesmo por preferência dos visitantes.

Os gastos acima de 30,00 reais, na maior parte dos casos, referiam-se à entrada, à hospedagem e ao transporte, o que vai variar com o tempo de permanência no local. Apenas 5,8% dos entrevistados gastaram acima de 200,00 reais e 9,2% não responderam.

Quando questionados se consideravam alto o custo do passeio, 76,4% dos entrevistados disseram que não, e, destes, 53,6% gastaram até 30,00 reais. Dos que consideraram o custo do passeio elevado (12,5%), a maioria gastou acima de 30,00 reais. Apenas 2,3% dos entrevistados consideraram razoável o custo do passeio e 7,8% não responderam.

Nota-se que, no geral, os visitantes não se queixaram do valor gasto com este tipo de passeio. A maior parte das reclamações foi em relação ao preço da refeição do restaurante do Caraça, porém a experiência obtida com o passeio compensava os custos.

4.3.3. Meio de divulgação pelo qual souberam do Caraça

Cerca de 60,0% dos entrevistados tomaram conhecimento da existência do Caraça através de amigos e parentes (Figura 18). Este fato pode ser indicativo do grau de satisfação dos visitantes, uma vez que as pessoas tendem a compartilhar suas experiências agradáveis com os amigos e parentes. De acordo com BONTEMPO (1992), que obteve resultados semelhantes em seu trabalho, trata-se de uma transferência de experiência vivida, que, por causa da satisfação dos visitantes, acaba por se tornar um dos meios de divulgação mais eficientes.

A imprensa (jornais, revistas e televisão) foi o segundo meio de comunicação mais importante na divulgação do Caraça, o que se deve, provavelmente, às recentes reportagens sobre a maior gruta em quartzito já explorada do mundo, localizada na Reserva.

Em razão da baixa frequência de entrevistados que souberam do Caraça por parte das agências de turismo, pode-se deduzir que a área não está sendo muito bem divulgada por estas agências, ou então, que as pessoas não têm procurado por este tipo de serviço. BONTEMPO (1992) atribui parte deste resultado à desvinculação das áreas protegidas dos pontos turísticos tradicionais do País.

MEIOS DE DIVULGAÇÃO

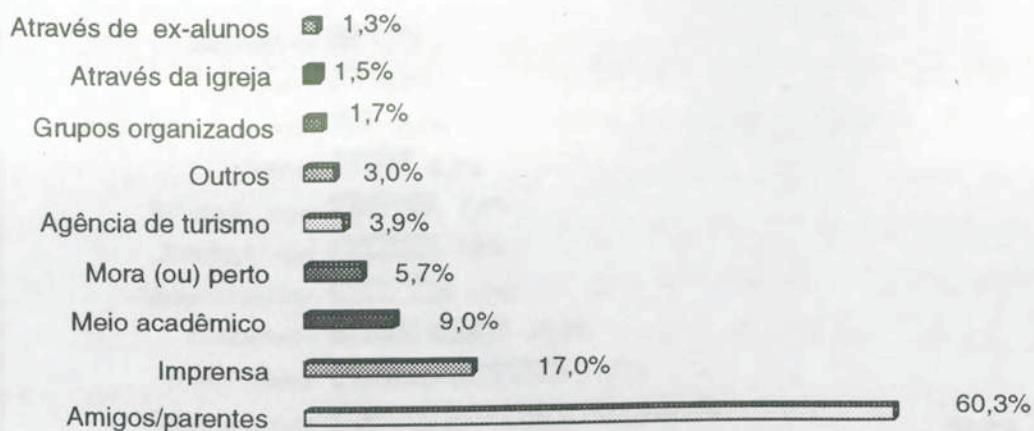


Figura 18 - Meios de divulgação através dos quais os visitantes tomaram conhecimento da existência do Caraça.

Outras formas menos freqüentes de divulgação do Caraça foram através de ex-alunos, guias turísticos (Quatro Rodas e Minas) etc.

4.3.4. Fatores motivadores da visita ao Caraça e reincidência dos visitantes

Quando questionados sobre o fator ou fatores que motivaram a visita, a resposta predominante dada pelos entrevistados foi a busca de maior contato com a natureza, (cerca de 52% das respostas) (Figura 19). Este resultado se justifica pelo fato da maior parte dos entrevistados se originar de áreas urbanas, indo buscar nas áreas naturais experiências que proporcionem uma relação mais íntima com a natureza e um pouco mais de tranqüilidade, aliviando o "stress" causado pelos grandes centros urbanos.

Tendo o Caraça uma herança religiosa, histórica e cultural muito importante para o País, era de se esperar que estes fatores fossem mais significativos na motivação das visitas. Esta baixa freqüência, somada ao elevado número de pessoas que procuram o Caraça devido aos recursos

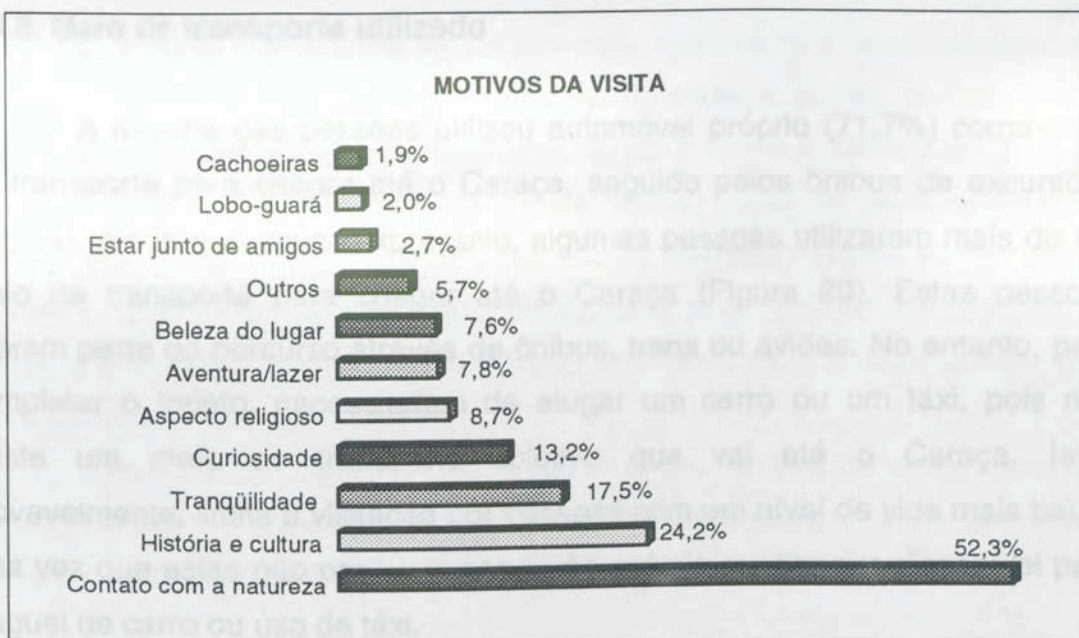


Figura 19 - Freqüência dos fatores motivadores da visita ao Caraça.

naturais, evidencia a necessidade de se rever o planejamento das atividades a serem desenvolvidas na área. Uma forma de se tentar resgatar a importância histórica, religiosa e cultural da área pode ser através do desenvolvimento de atividades que venham despertar e incentivar os visitantes quanto aos valores religiosos e históricos do local, de modo que estes visitantes se tornem comprometidos para com a conservação destes valores.

Comemoração religiosa, trabalho, aspecto educativo, facilidade e menor custo de viagem, falta de tempo para viagem mais longa, etc., foram outros motivos menos citados pelos visitantes (5,7%).

A reincidência foi bastante expressiva, pois 50,5% dos entrevistados já tinham vindo ao Caraça pelo menos uma vez, o que revela uma aprovação da experiência vivida na área. No entanto, para HANAZAKI e PAGANI (1993), quando se tem uma alta taxa de reincidência, devem-se programar atividades variadas e dinâmicas, em caso contrário as atividades conhecidas podem se tornar pouco atrativas. O expressivo retorno dos visitantes ao Caraça pode estar ligado, também, à sua proximidade, já que a maior parte dos seus visitantes eram provenientes de Belo Horizonte.

4.3.5. Meio de transporte utilizado

A maioria das pessoas utilizou automóvel próprio (71,7%) como meio de transporte para chegar até o Caraça, seguido pelos ônibus de excursões (23,7%). Ainda que pouco expressivo, algumas pessoas utilizaram mais de um meio de transporte para chegar até o Caraça (Figura 20). Estas pessoas fizeram parte do percurso através de ônibus, trens ou aviões. No entanto, para completar o trajeto, necessitaram de alugar um carro ou um táxi, pois não existe um meio de transporte coletivo que vai até o Caraça. Isso, provavelmente, limita a visitação por pessoas com um nível de vida mais baixo, uma vez que estas não possuem condução própria ou dinheiro disponível para aluguel de carro ou uso de táxi.

Como já discutido anteriormente, a ausência deste transporte coletivo pode ser uma das causas do baixo número de visitantes originados das áreas próximas da Reserva (6,9%). A criação de uma linha de ônibus ligando as principais cidades circunvizinhas e o Caraça poderia contribuir para o aumento do número de visitantes destas áreas, bem como de outras cidades, já que aumentaria as opções de vias de acesso.

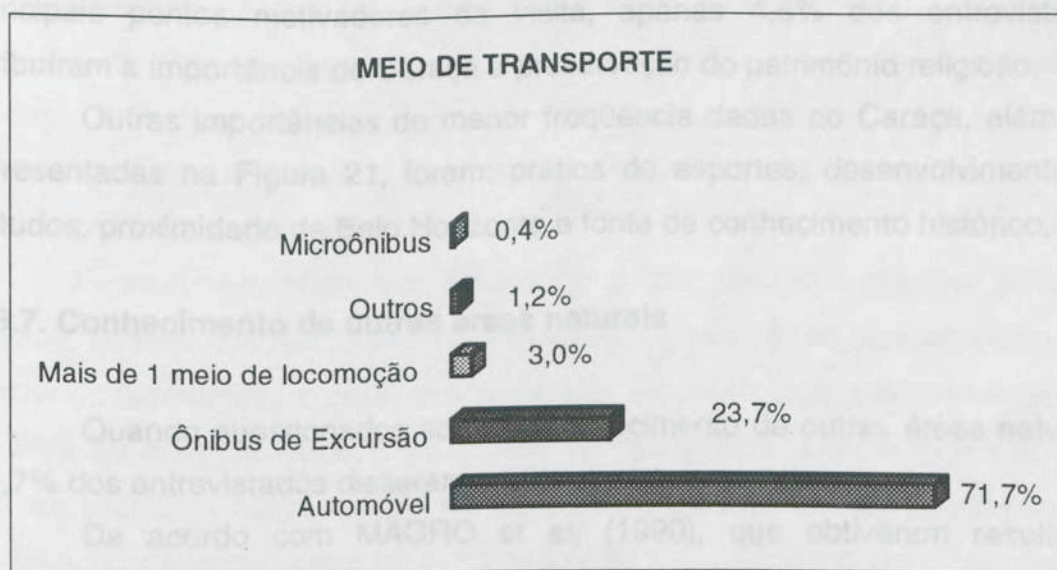


Figura 20 - Meios de transporte utilizados pelos visitantes de suas residências até o Caraça.

A criação desta linha de ônibus seria positiva para uma aproximação das pessoas residentes na área de entorno do Caraça, porém poderia causar sérios impactos ambientais à área, uma vez que tende a aumentar, de forma descontrolada, o fluxo de visitação. Dessa forma, antes de se fazer qualquer intervenção nesta ou em qualquer outra área protegida, torna-se necessário avaliar e questionar os possíveis benefícios e prejuízos da intervenção, de forma que a decisão final produza benefícios tanto para a área quanto para seus visitantes.

Entre outros meios de transportes menos utilizados pelos visitantes estavam a moto e a bicicleta. Algumas pessoas que moram nas proximidades fizeram o percurso até o Caraça a pé.

4.3.6. Importância da área para os visitantes

Figura 21 - Importância da área para os visitantes

A preservação do patrimônio natural (66,7%) e a preservação do patrimônio histórico e cultural (36,4%) foram as respostas mais freqüentes no que diz respeito à importância da área (Figura 21). Este resultado mostra que os visitantes do Caraça estão bem conscientes, pelo menos em tese, da importância das áreas naturais e o que estas representam para a conservação natural, histórica e cultural do País.

Como era de se esperar, já que o fator religioso não estava entre os principais pontos motivadores da visita, apenas 4,5% dos entrevistados atribuíram a importância do Caraça à preservação do patrimônio religioso.

Outras importâncias de menor freqüência dadas ao Caraça, além das apresentadas na Figura 21, foram: prática de esportes, desenvolvimento de estudos, proximidade de Belo Horizonte e fonte de conhecimento histórico.

4.3.7. Conhecimento de outras áreas naturais

Figura 22 - Conhecimento de outras áreas naturais

Quando questionados sobre o conhecimento de outras áreas naturais, 79,7% dos entrevistados disseram conhecer pelo menos uma.

De acordo com MAGRO et al. (1990), que obtiveram resultados semelhantes no seu trabalho, esta alta freqüência se deve ao fato da pesquisa ter sido realizada em uma área natural, sendo os entrevistados, de modo geral, adeptos deste tipo de ambiente.

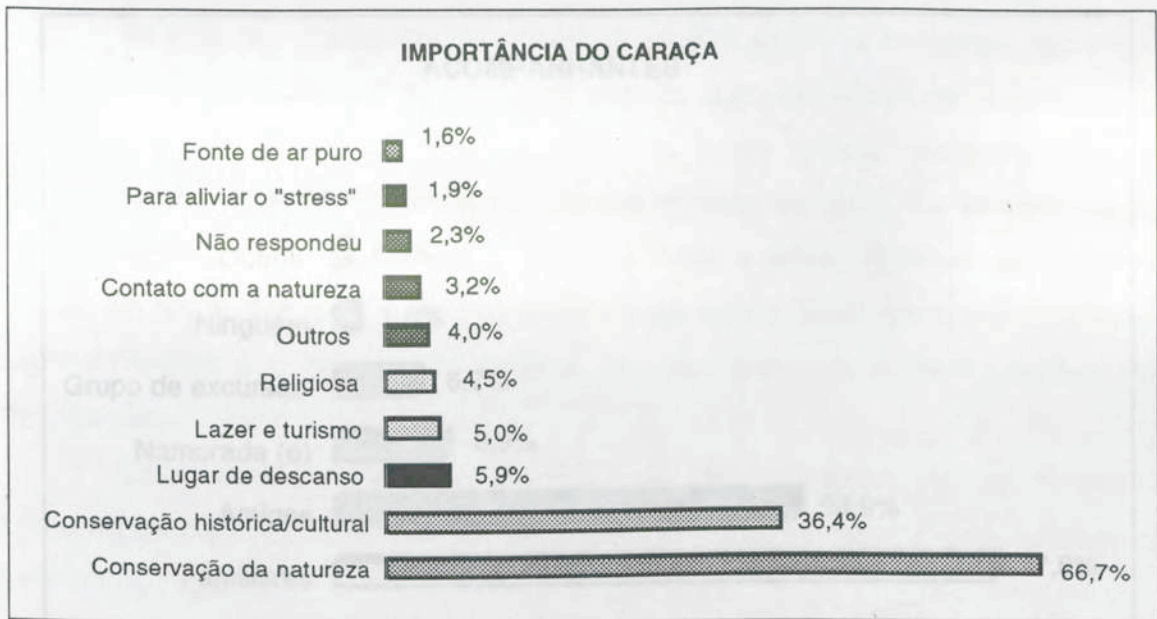


Figura 21 - Importância atribuída ao Caraça pelos visitantes entrevistados.

4.3.8. Acompanhantes

Pôde-se notar que o número de pessoas que vão ao Caraça sozinhas foi muito pequeno (Figura 22), o que, segundo BONTEMPO (1992), é um fator relevante quando se trata de estimular a visitação e atender à demanda turística. A maioria dos entrevistados vai acompanhada por seus familiares (77,0%) ou amigos (38,9%). Orientador, alunos e irmãs de caridade foram outros acompanhantes mencionados.

Mesmo não tendo sido levantado o tamanho dos grupos, pôde-se concluir, através dos resultados mencionados, que as visitas ao Caraça se dão com acompanhantes, o que não deve ser ignorado pela administração da Reserva na hora de planejar as atividades recreativas. Muitos locais podem não suportar uma carga grande de pessoas ao mesmo tempo, resultando em um impacto negativo maior ao meio ambiente e, possivelmente, diminuindo a satisfação dos visitantes.

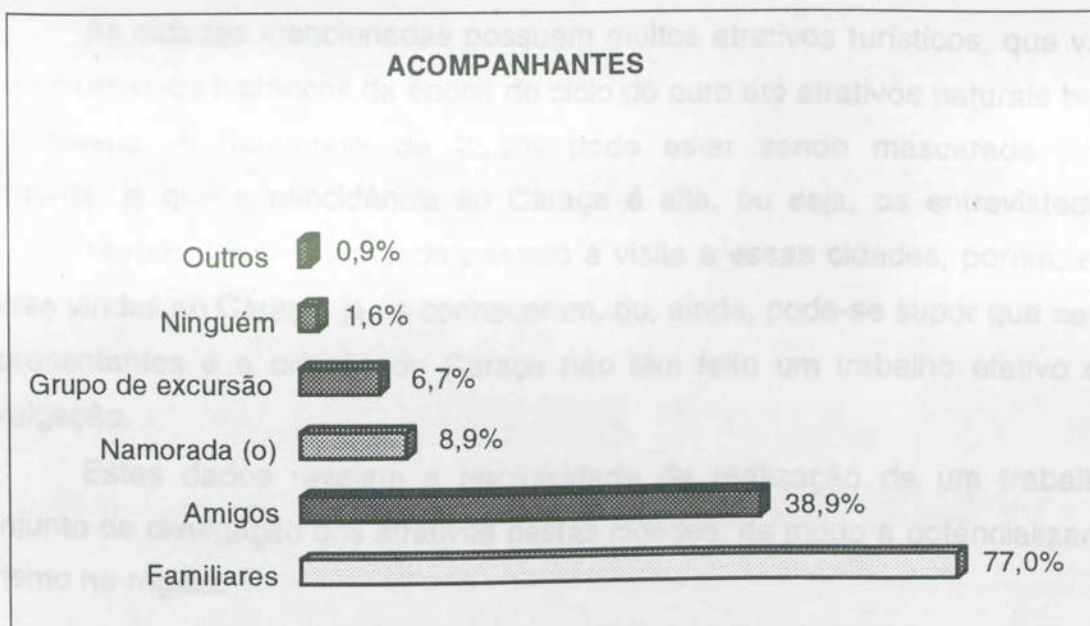


Figura 22 - Frequência dos acompanhantes dos visitantes do Caraça.

De acordo com MAGRO et al. (1990), o tamanho dos grupos deverá ser considerado no programa interpretativo, pois os grupos pré-formados tendem a resistir mais a um redimensionamento necessário para o desenvolvimento de atividades que não comportam um grande número de pessoas. Além disso, algumas pessoas se sentem inibidas na presença de desconhecidos, e já outras sentem-se motivadas. Dessa forma, o levantamento do tamanho dos grupos de pessoas que vão ao Caraça deve ser realizado quanto antes possível, de modo a ser considerado no planejamento das atividades interpretativas.

4.3.9. Abrangência da visitação

Cerca de 75,0% dos entrevistados responderam estar visitando somente o Caraça. Entretanto, o número de pessoas (25,2%) que também visitaram as cidades próximas (Santa Bárbara, Catas Altas e Barão de Cocais) não deve ser ignorado, principalmente pelos representantes destas cidades.

As cidades mencionadas possuem muitos atrativos turísticos, que vão de monumentos históricos da época do ciclo do ouro até atrativos naturais bem expressivos. A frequência de 25,2% pode estar sendo mascarada pela pergunta, já que a reincidência ao Caraça é alta, ou seja, os entrevistados podem não ter como objetivo do passeio a visita a essas cidades, porém, em outras vindas ao Caraça, já as conheceram, ou, ainda, pode-se supor que seus representantes e a direção do Caraça não têm feito um trabalho efetivo de divulgação.

Estes dados revelam a necessidade de realização de um trabalho conjunto de divulgação dos atrativos destas cidades, de modo a potencializar o turismo na região.

4.3.10. Tempo de permanência e hospedagem

A maioria dos entrevistados (58,7%) passou menos de uma noite no Caraça ou nas suas proximidades (Figura 23), ocorrendo o maior fluxo destes visitantes nos finais de semana, principalmente aos domingos. Dos 397 entrevistados que passaram mais de uma noite (41,3%), a maioria (74,3%) hospedou-se na pousada dentro do Caraça.

Durante a realização das entrevistas, pôde-se observar que a maioria das pessoas que se hospedava fora da área do Caraça o fizera por falta de vaga na Pousada do Caraça, ou porque tinham amigos ou parentes nas cidades próximas.

Esta preferência pela hospedagem dentro da área do Caraça oferece suporte para estudo da ampliação do número de acomodações na área. No entanto, esta ampliação só deve ocorrer se estiver sustentada num planejamento criterioso e consciente, de modo que se promova o mínimo de impacto ambiental.

O tipo de hospedagem mais utilizado pelos entrevistados que pernoitaram foi a pousada localizada na Reserva (74,3%). Para quem se hospeda nas cidades próximas, o tipo de hospedagem mais utilizado foi o hotel (12,6%), seguido da casa de amigos/parentes (7,6%), "camping" (1,8%) e pousada (0,8%).

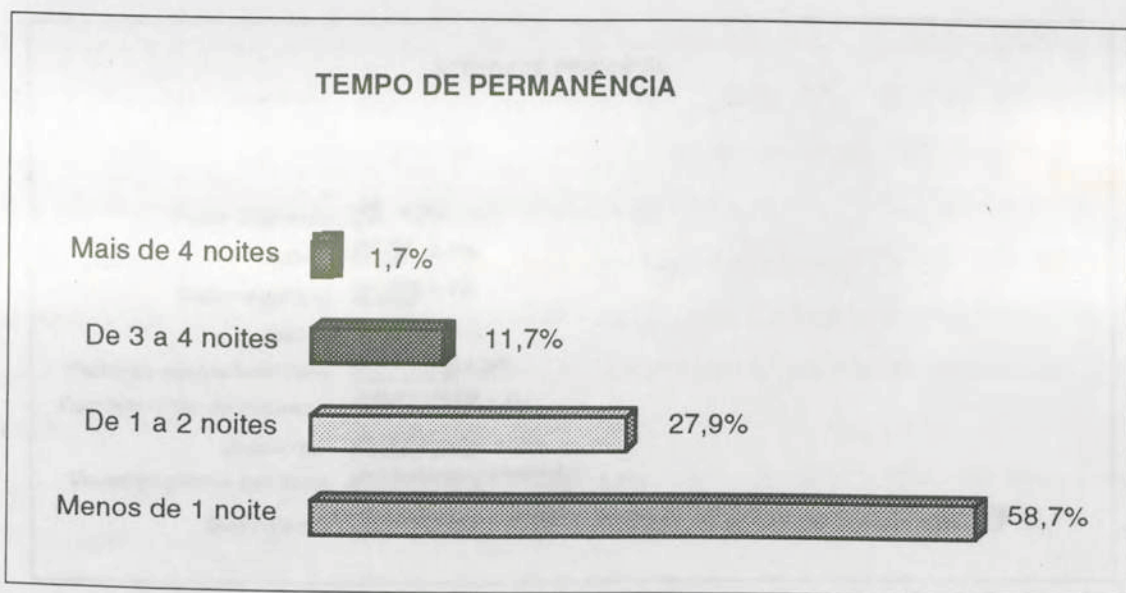


Figura 23 - Tempo de permanência dos visitantes dentro do Caraça ou nas proximidades (Santa Bárbara, Barão de Cocais e Catas Altas).

Outras respostas (2,8%) dadas para esta questão foram alojamento, casa alugada, e outros não responderam.

4.3.11. Atividade principal

A principal atividade dos entrevistados durante a permanência no Caraça foi a caminhada (Figura 24). Esta atividade, neste trabalho, refere-se à prática de caminhar propriamente dita (curtas ou longas distâncias), juntamente com a curiosidade de conhecer os pontos turísticos e contemplar a natureza.

A caminhada em áreas naturais tornou-se um dos passatempos favoritos da maior parte das pessoas nos dias de hoje e como já mencionado, é a principal atividade realizada pelos visitantes do Caraça. No entanto, para o desenvolvimento desta atividade, torna-se necessária a oferta de meios para que estas caminhadas possam se realizar. As trilhas planejadas constituem-se num dos meios mais prazerosos e eficientes para esta atividade, oferecendo segurança para o visitante e maior proteção para os recursos naturais na área.

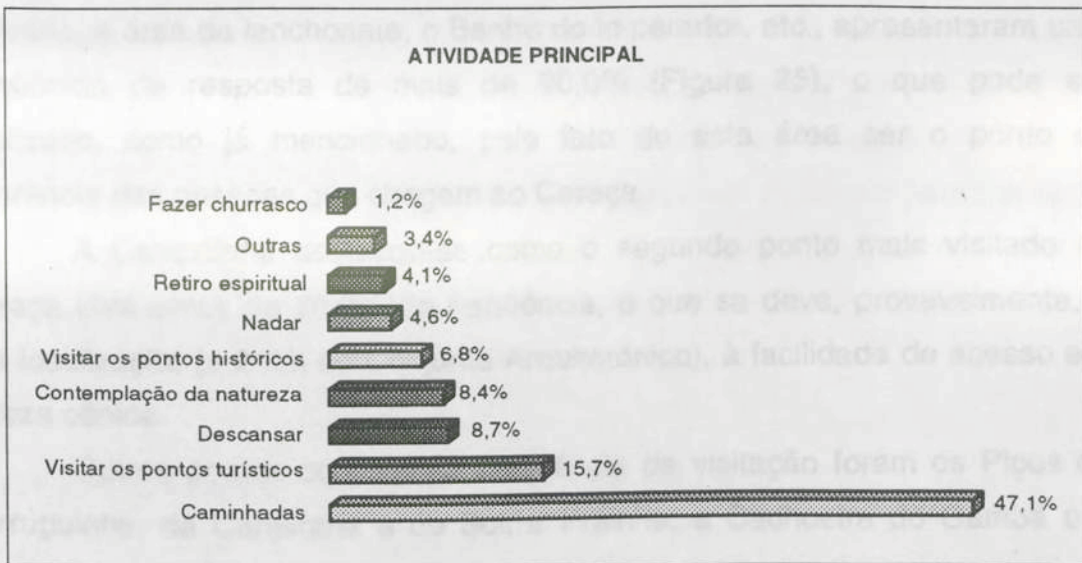


Figura 24 - Frequência das principais atividades praticadas pelos visitantes do Caraça.

O Caraça é, hoje, um ponto turístico com um elevado índice de visitação e, como já foi discutido, as suas trilhas apresentam problemas de erosão, escassez de infra-estrutura e má sinalização. Diante desta realidade, é necessário replanejá-las, de modo a suprir a demanda e garantir a conservação dos recursos naturais da área.

Visitar os pontos turísticos foi a segunda atividade principal praticada pelos visitantes (cerca de 15,7%), sendo entendida aqui como uma atividade cujo interesse é o de conhecer os atrativos, sem o compromisso de contemplação ou caminhada. O acesso aos pontos turísticos, quando possível, é realizado de carro.

Outras atividades menos freqüentes (3,4%) praticadas pelos visitantes foram fotografar, assistir à missa, fazer piquenique, pesquisa, etc.

4.3.12. Locais mais visitados

O Conjunto Arquitetônico e seus arredores, entendidos aqui como a Igreja, o Claustro, o Jardim, o Prédio do antigo colégio, o relógio do sol, o

Calvário, a área da lanchonete, o Banho do Imperador, etc., apresentaram uma frequência de resposta de mais de 90,0% (Figura 25), o que pode ser explicado, como já mencionado, pelo fato de esta área ser o ponto de referência das pessoas que chegam ao Caraça.

A Cascatina destacou-se como o segundo ponto mais visitado do Caraça com cerca de 70,0% de frequência, o que se deve, provavelmente, à sua localização (a 2 km do Conjunto Arquitetônico), à facilidade de acesso e à beleza cênica.

Outros pontos com menor frequência de visita foram os Picos da Verruguinha, da Canjerana e do Sol; a Prainha; a Cachoeira do Gambá e a Gruta do Padre Caio.

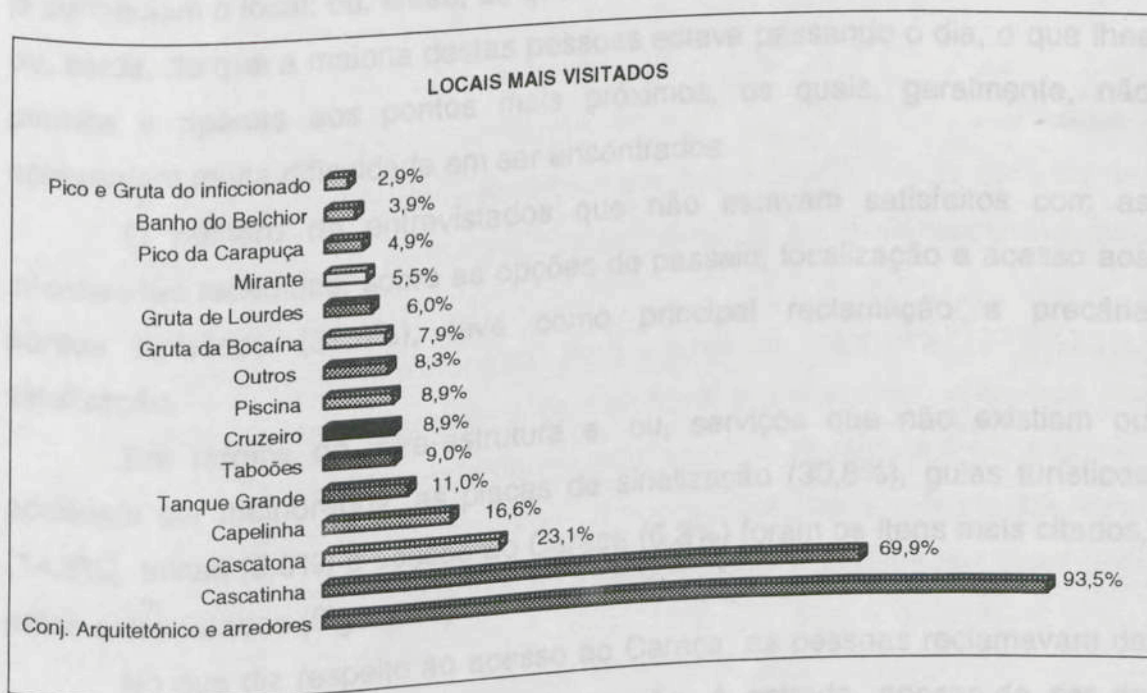


Figura 25 - Locais mais visitados pelos entrevistados no Caraça.

De acordo com os resultados dos testes das hipóteses apresentadas no item 4.3.14, o tempo de permanência no Caraça exerce influência nos pontos turísticos a serem visitados.

Os entrevistados que passaram menos de uma noite no Caraça visitaram a parte central (Conjunto Arquitetônico e seus arredores) e alguns dos pontos turísticos mais próximos, como a Cascatinha, o Cruzeiro, o Tanque Grande, a Prainha, etc. Já as pessoas que passaram mais tempo na área, e que gostam de fazer caminhadas, visitaram os pontos mais distantes como o Pico do Inficionado, as Grutas da Bocaina e de Lourdes, a Cascatona e outros mais.

4.3.13. Reclamações e sugestões

Cerca de 58,0% dos entrevistados consideraram satisfatórias as informações obtidas para se orientar dentro do Caraça. Este resultado pode ser atribuído ao fato de que muitas pessoas estavam acompanhadas de outras que já conheciam o local; ou, então, de que não era a sua primeira visita ao Caraça; ou, ainda, de que a maioria destas pessoas estava passando o dia, o que lhes permite ir apenas aos pontos mais próximos, os quais, geralmente, não apresentam muita dificuldade em ser encontrados.

O número de entrevistados que não estavam satisfeitos com as informações recebidas, sobre as opções de passeio, localização e acesso aos pontos turísticos (39,6%), teve como principal reclamação a precária sinalização.

Em termos de infra-estrutura e, ou, serviços que não existiam ou poderiam ser melhorados, as placas de sinalização (30,8%), guias turísticos (14,6%), trilhas (9,0%) e acesso ao Caraça (6,3%) foram os itens mais citados, pelos entrevistados (Figura 26).

No que diz respeito ao acesso ao Caraça, as pessoas reclamavam da má conservação da estrada e da sinalização. A estrada, apesar de ser de asfalto, encontra-se bastante danificada em muitos trechos, o que dificulta o tráfego e a torna mais perigosa. Com relação à sinalização, a placa que indica a estrada para a Reserva do Caraça não se destaca muito, passando despercebida por alguns, inclusive pela equipe deste trabalho.

Quanto ao restaurante, as reclamações estavam relacionadas com o preço das refeições, o horário limitado de funcionamento e a pouca variação do cardápio.

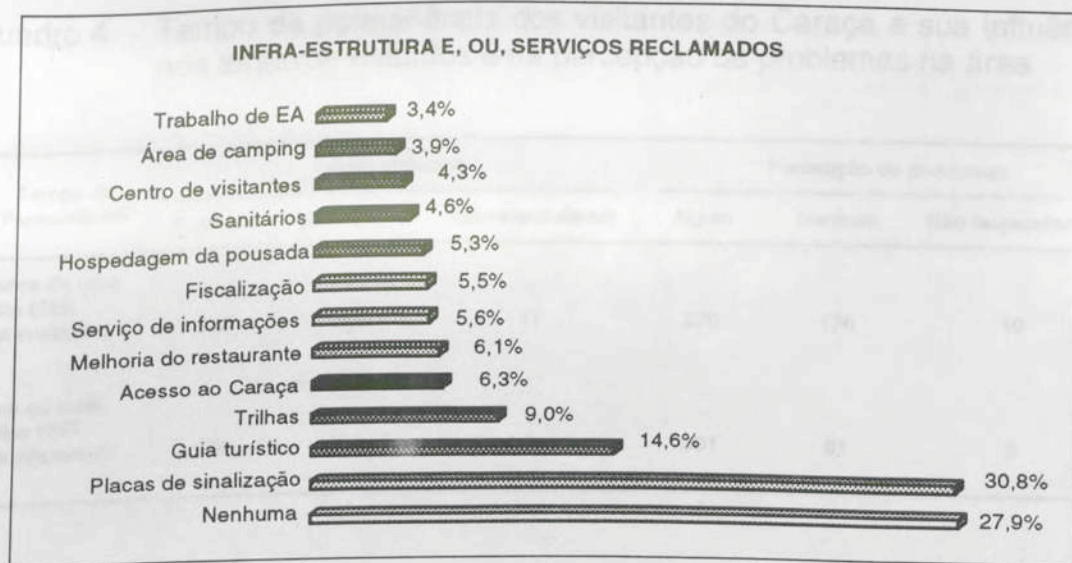


Figura 26 - Relação das infra-estruturas e, ou, serviços mais reclamados pelos visitantes do Caraça.

Bar noturno, abertura da biblioteca, bebedouros, praça de esportes, ambulatório, etc., foram as outras infra-estruturas e, ou, serviços reivindicados e, ou, pelos visitantes.

A alta frequência encontrada para a resposta “nenhuma” (27,9%) pode ser explicada pelo pouco tempo de permanência dos visitantes no Caraça, pois cerca de 66% das pessoas que deram esta resposta passaram menos de uma noite no local. Além disso, observou-se que alguns dos entrevistados deram esta resposta em razão de preferir as coisas em seu estado mais natural (mais rusticidade).

4.3.14. Hipóteses testadas

O Quadro 4 traz as respostas obtidas do público visitante do Caraça quanto ao seu tempo de permanência na área, com a respectiva influência nos atrativos visitados e na percepção da infra-estrutura e, ou, dos serviços oferecidos. A partir desses dados, foi realizado o teste das hipóteses levantadas.

Quadro 4 - Tempo de permanência dos visitantes do Caraça e sua influência nos atrativos visitados e na percepção de problemas na área

Tempo de Permanência	Locais visitados			Percepção de problemas		
	Próximos	Distantes	Não responderam	Algum	Nenhum	Não responderam
Menos de uma noite (565 entrevistados)	386	168	11	370	176	19
Uma ou mais noites (397 entrevistados)	136	256	5	301	91	5

Com relação às hipóteses levantadas, observa-se que o tempo de permanência do visitante foi determinante dos locais a serem visitados ($X^2 = 113,57$; G.L. = 3; $p < 0,01$) e determinou também a percepção dos visitantes com relação à infra-estrutura e, ou, aos serviços oferecidos ($X^2 = 9,12$; G.L. = 3; $p < 0,05$).

Dessa forma, pode-se dizer que os visitantes que passam menos de uma noite no Caraça, tendem a visitar os pontos turísticos mais próximos (tomando como referência o Conjunto Arquitetônico, foram considerados como atrativos próximos os seus arredores, a Cascatinha, o Tanque Grande, o Cruzeiro e a Prainha), e a considerarem completa a infra-estrutura e, ou, os serviços oferecidos pelo Caraça, não detectando, em sua maioria, nenhum problema na área. Como já mencionado, quanto mais próximo da área central (Conjunto Arquitetônico), mais fácil é o acesso e bem mais estruturados são os atrativos.

Já os visitantes que passam mais tempo na reserva geralmente conhecem os atrativos mais distantes e têm algum tipo de reclamação com relação à infra-estrutura e, ou, aos serviços oferecidos pelo Caraça. Isto ocorre por causa da maior disponibilidade de tempo para conhecer os atrativos mais distantes, os quais apresentam problemas de sinalização e de infra-estrutura.

A constatação da existência destes tipos de públicos diferenciados é muito importante para a administração da área, pois permite planejar as

atividades interpretativas de forma mais direcionada, de modo a garantir a satisfação dos visitantes e a conservação dos recursos turísticos, já que tende a causar menos impactos.

Estes resultados indicam também os pontos críticos do Caraça, aos quais deve ser dispensada maior atenção e mais investimentos.

PLANEJAMENTO E CONCLUSÃO

O Caraça possui um potencial turístico muito grande, sendo necessário a criação de uma estratégia de desenvolvimento turístico sustentável, que permita a conservação dos recursos naturais e culturais, e a melhoria da qualidade de vida da população local, através da geração de empregos e renda.

Para isso, é necessário a implementação de políticas públicas, que garantam a sustentabilidade do turismo, e a melhoria da infraestrutura turística, através da criação de novos pontos turísticos, e da melhoria dos serviços turísticos, através da capacitação dos profissionais da área, e da melhoria da infraestrutura turística, através da criação de novos pontos turísticos, e da melhoria dos serviços turísticos, através da capacitação dos profissionais da área.

Na conclusão, pode-se afirmar que o Caraça possui um potencial turístico muito grande, e que a implementação de políticas públicas, que garantam a sustentabilidade do turismo, e a melhoria da infraestrutura turística, através da criação de novos pontos turísticos, e da melhoria dos serviços turísticos, através da capacitação dos profissionais da área, é fundamental para a conservação dos recursos turísticos, e a melhoria da qualidade de vida da população local, através da geração de empregos e renda.

5. RESUMO E CONCLUSÕES

O Caraça é uma área protegida por lei, estando enquadrada na categoria de Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN). Localiza-se no município de Catas Altas, MG, a 120 km de Belo Horizonte, com área aproximada de 10.188 ha.

A RPPN do Caraça é muito rica em atrativos naturais, culturais e históricos. No entanto, em razão do grande fluxo de visitantes na área, estes atrativos encontram-se ameaçados por um turismo massivo e desordenado. Assim, com a intenção de contribuir para a conservação de todos os atrativos mencionados e ciente do crescimento do ecoturismo e do potencial do Caraça para tal atividade, este trabalho foi proposto para se fazer uma avaliação deste potencial e conhecer a realidade da área.

Na primeira etapa deste trabalho, realizou-se uma avaliação da infraestrutura de apoio ao visitante na Reserva, bem como de alguns dos seus pontos turísticos, através de observações de campo, análise documental, entrevistas informais e registro fotográfico. Uma vez que a oferta de atrativos do Caraça é muito grande, foram escolhidos os 10 pontos turísticos mais visitados para se fazer a avaliação. Esta escolha se deu com base nas informações fornecidas pelos visitantes, pelo diretor e pelos funcionários do Caraça. Em cada ponto escolhido, foram avaliados aspectos como estado de conservação, infraestrutura e presença de lixo nas trilhas de acesso aos pontos turísticos, além da sinalização.

Paralelamente à etapa anterior, realizou-se a caracterização do perfil do visitante do Caraça. As informações para tal caracterização foram obtidas através de um formulário-padrão que aborda variáveis como sexo, idade, escolaridade, origem, motivo da visita e tempo de permanência. Os entrevistados foram escolhidos aleatoriamente, sempre com a preocupação de se uma maior variedade de público. A idade mínima para entrevistas foi 15 anos. A partir desta caracterização do usuário do Caraça, levantaram-se as hipóteses de que o tempo de permanência no Caraça influenciava na escolha dos locais a serem visitados e na percepção da infra-estrutura e, ou, dos serviços oferecidos pelo Caraça. Após a análise dos questionários, procedeu-se ao teste das hipóteses levantadas, utilizando-se o teste do Qui-Quadrado.

Verificou-se que a infra-estrutura de apoio que o Caraça oferece aos visitantes, como meios de hospedagem, alimentação e recreação, pode ser considerada satisfatória para o ecoturismo, mesmo porque os adeptos desta atividade não são muito exigentes. Entretanto, algumas alterações no sentido de potencializar alguns aspectos só irão contribuir para o sucesso da atividade na área.

De modo geral, os pontos turísticos avaliados apresentaram problemas de falta de infra-estrutura, processos erosivos e sinalização insuficiente e inadequada. A Cascatinha foi o local de situação mais crítica com relação aos processos erosivos, o que, de certo modo, pode ser explicado pelo alto índice de visitação no local.

O problema da má sinalização foi observado em todos os pontos, variando apenas a sua intensidade. O Mirante, a Gruta da Bocaína e a Gruta de Lourdes foram os que apresentaram maiores problemas de sinalização.

Com relação à infra-estrutura nos pontos turísticos, esta se mostrou precária ou mesmo inexistente na maioria dos pontos avaliados. Até mesmo lixeiras não havia na maioria destes pontos. Observou-se que, quanto mais longe do Conjunto Arquitetônico, mais ineficientes e precárias eram a sinalização e a infra-estrutura.

No que diz respeito à caracterização do visitante, pode-se dizer que o visitante do Caraça é representado pelos dois sexos, com idade predominante variando de 21 a 40 anos e com um nível de escolaridade alto (cerca de 70% possui pelo menos o segundo grau completo). A maioria dos visitantes era

proveniente da cidade de Belo Horizonte, ou outras cidades de Minas Gerais; cerca de 72% dos visitantes utilizaram o automóvel como meio de transporte para chegar ao Caraça.

A maior importância dada à existência da área pela maioria dos entrevistados foi a proteção dos recursos naturais, sendo a busca por maior contato com a natureza o principal fator motivador da visita. Estes dados vêm reafirmar a crescente demanda pelas áreas naturais, motivada, principalmente, pelo aumento da conscientização ecológica e pela necessidade de aliviar o "stress" provocado pelos grandes centros urbanos.

As reclamações mais freqüentes em termos de infra-estrutura e, ou, serviços oferecidos pelo Caraça estavam relacionadas com a falta de placas indicativas, acesso difícil ao Caraça, ausência de guias turísticos e melhoria das trilhas de caminhadas (sinalização, quantidade, conservação). Várias sugestões dadas pelos visitantes não condizem com o objetivo da Reserva. Pode-se tentar sanar esta questão com um trabalho de esclarecimento sobre o assunto, o que indiretamente, contribuiria para potencializar a conservação do local.

O teste de hipóteses confirmou a influência do tempo de permanência no local nos atrativos visitados e também na percepção dos problemas da área.

O conhecimento da realidade turística no Caraça, obtido através deste trabalho, constitui-se num instrumento de grande importância para o manejo da área em questão.

Os dados referentes à infra-estrutura de suporte na área e da situação dos principais pontos turísticos reafirmam o potencial do Caraça para o desenvolvimento da atividade ecoturística. É claro que, no sentido de potencializar a atividade, algumas intervenções devem ser feitas. Uma vez que se conhecem os pontos críticos, as intervenções serão direcionadas, o que tende a aumentar a garantia de seu sucesso.

O conhecimento de dados sobre os visitantes, seus anseios, atitudes, comportamento, preferências, dentre outras coisas, permite aos administradores de áreas naturais uma atuação direta e eficiente no manejo destas, dando condições para a implantação de um programa interpretativo que venha potencializar tanto a qualidade da visita quanto a conservação dos recursos turísticos do local.

Verificou-se que a atividade turística no Caraça ocorre desassociada de qualquer tipo de programação, o que acaba por promover alguns conflitos entre as atividades desenvolvidas pelos visitantes e os objetivos da Reserva.

Diante desta realidade e de posse das informações sobre os visitantes do Caraça, a implantação efetiva de um programa interpretativo para a área deve ser priorizada pela sua administração.

Espera-se com este trabalho ter dado subsídios suficientes aos responsáveis pela RPPN do Caraça, para que possam promover o ordenamento da atividade de ecoturismo na área, uma vez que, como pôde ser comprovado através dos resultados, esta possui um potencial inigualável para o desenvolvimento da atividade.

ADEONATO, S., OLIVEIRA, W. Os fundamentos da ecologia. Revista Globo Ciência: São Paulo, Globo, n.38, p. 52-57, 1997.

ANDRADE, W.J., ROCHA, L.M. Planejamento, implantação e manutenção de trilhas. In: CONGRESSO FLORESTAL BRASILEIRO, 6, 1990, Campos do Jordão. Anais... São Paulo: Imprensa Oficial, 1990, v.3, p.788-793.

AYRES, J.M., FONSECA, S.A.S., RYLANDS, A.G., QUEIROZ, H.L., PINTO, L.P., MASTERSON, D., CAVALCANTI, R.S. Projeto: Parques e Reservas. Brasília, DF: IBAMA, MMA, 1996, versão 1.0, 82p.

AUDITORIA de Oportunidade ao Trilha do ecoturismo brasileiro. In: BIENAL DE ECOTURISMO DE CANELA, 1, 1995, Canela, RS. (Anais...) Canela, RS: Ruschel e Associações Marketing Ecológico, 1995, p. 7-34. (Relatório de auditoria de oportunidade ao "trilha" ecoturismo no Brasil. Agenda curricular de ecoturismo no Brasil. Temas preparatórios para o Congresso de Ecoturismo de Biostal de Canela).

BENÍTEZ, M. interpretação ambiental em áreas silvestres protegidas de El Salvador. In: Tercer Simposio sobre interpretación ambiental en áreas silvestres protegidas. Oaxaca: FAO, 1993, p. 20-22.

BINI, L.M., COSTA, M., RIBEIRO, W., MENEGONI, P.C., MIZUMORI, D., PAGANI, M.L., PEREIRA, L.A., SCHWABETTI, T. Caracterização do perfil dos visitantes de Parque Nacional de Aparados da Serra (PNS) e Brasília (DF). In: CONGRESSO NACIONAL SOBRE ESPÉCIES NATIVAS, 2, 1992, São Paulo. Anais... São Paulo: Imprensa Oficial, 1992, v.4, univ. p. 147-152.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADEODATO, S., OLIVEIRA, W. Os latifundiários da ecologia. **Revista Globo Ciência**: São Paulo: Globo, n.68, p.52-57, 1997.
- ANDRADE, W.J., ROCHA, L.M. Planejamento, implantação e manutenção de trilhas. In: CONGRESSO FLORESTAL BRASILEIRO, 6, 1990, Campos do Jordão. **Anais...** São Paulo: SBS/SBEF, 1990. v.3, p.786-793.
- AYRES, J.M., FONSECA, G.A.B., RYLANDS, A.B., QUEIROZ, H.L., PINTO, L.P., MASTERTON, D., CAVALCANTI, R.B. **Projeto: Parques e Reservas**. Brasília, DF: IBAMA / MMA, 1996, versão 1.0. 62p.
- AUDITORIA de Opinião junto ao "trade" do ecoturismo brasileiro. In: BIENAL DE ECOTURISMO DE CANELA, 1, 1995, Canela, RS. [**Anais...**] Canela, RS: Ruschel e Associados Marketing Ecológico, 1995. p. 7-34. [Relatório de auditoria de opinião junto ao "trade" específico do ecoturismo no Brasil. Agenda consolidada do ecoturismo no Brasil. Textos preparatórios para o Congresso de Ecoturismo da Bienal de Canela.
- BENÍTEZ, M. Interpretacion ambiental en areas silvestres protegidas de El Salvador. In: Taller internacional sobre interpretacion ambiental en areas silvestres protegidas. Osorno: FAO, 1988. p.36-38.
- BINI, L.M., COSTA, H., HANAZAKI, N., MENCACCI, P.C., MIZUMORI, D., PAGANI, M.I., PEREIRA, L.A., SCHIAVETTI, A. Caracterização do perfil dos visitantes dos Parques Nacional de Aparados da Serra (RS) e Brasília (DF). In: CONGRESSO NACIONAL SOBRE ESSÊNCIAS NATIVAS, 2, 1992, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Revista do Instituto Florestal, 1992, v.4, único. p.1106-1108.

- BONTEMPO, M. **Análise sócio-econômica do turismo ecológico no Brasil: um estudo de caso.** Viçosa, MG: UFV, 1992. 106p. Dissertação (Mestrado em Economia Rural) - Universidade Federal de Viçosa, 1992.
- BOO, E. **Ecotourism: the potentials and pitfalls.** Washington: WWF/USAID, 1990. v.1. 71p.
- BRANDON, K. **Ecotourism and conservation: a review of key issues.** Washington, Environment Department Papers-Biodiversity Series/The World Bank, 1996. n.33. 69p.
- BRASIL. Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo. Secretaria de Turismo e Serviços. **Manual de municipalização do turismo.** [Brasília, DF]: EMBRATUR, 19--. 217p.
- BRASIL. Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo. Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal. **Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo.** Brasília, DF: EMBRATUR/IBAMA, 1994. 48p. (Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho Interministerial MICT/MMA).
- CAMPOS, C. Oásis Verdes. **Revista Veja:** São Paulo: Globo, n.10, p.63, 1997.
- CARVALHO, C.L. Ecoturismo, uma Opção Natural. **Folha do Meio Ambiente,** Brasília, DF, dezembro-96 / janeiro, 1997. n.67, p.30.
- CEBALLOS-LASCURÁIN, H. El ecoturismo y las areas protegidas en América Latina y el Caribe. **Flora, Fauna y Areas Silvestres.** FAO/PNUMA, n.17, enero/abril, 1993. p.3-4.
- CHAVES, E.S., ROSABAL, P.M. Ecoturismo en areas protegidas: reto o alternativa. **Flora, Fauna y Areas Silvestres.** FAO/PNUMA, n.17, enero/abril, 1993. p.9-12.
- CIFUENTES, M. Capacidade de carga turística en areas protegidas. **Flora, Fauna Areas Silvestres.** FA O/PNUMA, n.17, enero/abril/1993. p.21-22.
- DELGADO MENDEZ, J.M. Considerações Especiais sobre Administração do Turismo Ambiental ou Ecoturismo. In: ENCONTRO PARA CONSERVAÇÃO DA NATUREZA, 1, 1997, Viçosa. **Anais...** Viçosa: CMCN, 1997. p.181-187.
- DORST, J. **Antes que a natureza morra: por uma ecologia política.** São Paulo, Ed. Edgar Blucher, 1973. 394p.
- DUTRA, H., HERCULIANI, S. Treinamento para monitores do subprograma de interpretação da natureza do Parque Estadual da Cantareira. In: CONGRESSO FLORESTAL BRASILEIRO, 6, 1990, Campos do Jordão, SP. **Anais...** São Paulo: SBS/SBEF, 1990. v.1. p.193-196.

- EMBRATUR. **Município: potencial turístico, orientação às prefeituras municipais.** Brasília: 1992. 80p.
- EMBRATUR. **Manual de ecoturismo.** Brasília, DF, 1994. 80p.
- ENDRES, A.V. Ecoturismo na área de proteção ambiental de Algodão-Maiandeuá. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE ECOSSISTEMAS FLORESTAIS, 4, 1996, Belo Horizonte. **Resumos...** Belo Horizonte: BIOSFERA, 1996. p.189-190.
- HANAZAKI, N., PAGANI, M.I. Subsídios para a elaboração de uso público para o Horto Florestal "Navarro de Andrade". In: CONGRESSO FLORESTAL BRASILEIRO, 7, Curitiba, 1993. **Anais...** Curitiba: SBS, 1993, v.1. p.78-81.
- INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS APLICADAS - IGA. **Monografia de Catas Altas.** 1997. 40p.
- KANIAK, V. Interpretacion ambiental en areas silvestres protegidas de Brasil. In: **Taller internacional sobre interpretacion ambiental en areas silvestres protegidas.** Osorno: FAO, 1988. p.9-10.
- MACEDO, R.L.G., PINTO, J.R.R. O perfil do visitante do Parque Nacional da Chapada dos Guimarães. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE ECOSSISTEMAS FLORESTAIS, 4, 1996, Belo Horizonte. **Resumos...** Belo Horizonte: BIOSFERA, 1996. p.114-116.
- MAGRO, T.C., GRANJA, M.C., MENDES, F.B.G. Características do usuário do Parque Estadual da Ilha Anchieta – subsídios para o plano interpretativo. In: CONGRESSO FLORESTAL BRASILEIRO, 6, 1990, Campos do Jordão. **Anais...** Campos do Jordão: SBS/SBEF, 1990. v.3, p.766-772.
- MARTINS, A.M.M. Turismo, educação e preservação do patrimônio natural. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE ECOSSISTEMAS FLORESTAIS, 4, 1996, Belo Horizonte. **Resumos...** Belo Horizonte: BIOSFERA, 1996. p.116-117.
- MENA, Y. Interpretacion ambiental en areas silvestres protegidas de Costa Rica. In: **Taller internacional sobre interpretacion ambiental en areas silvestres protegidas.** Osorno: FAO, 1988. p.17-23.
- MILANO, M.S. Sistema Nacional de Unidades de Conservação do Brasil: a realidade técnico-política. In: CONGRESSO FLORESTAL BRASILEIRO, 6, 1990, Campos do Jordão. **Anais...** Campos do Jordão: SBS/SBEF, 1990. v.1, p.134-137.
- MILANO, M.S. Unidades de Conservação no Brasil: o desafio de sua efetiva operacionalização. In: CONGRESSO FLORESTAL PANAMERICANO, 1, CONGRESSO FLORESTAL BRASILEIRO, 7, 1991, Curitiba. **Anais...** Curitiba: SBS/SBEF, 1991. p.116-121.

- OMT. Tourist Arrivals to Reach 1.6 billion by 2020. **Home-page da rganização Mundial do Ecoturismo** - [http://www. Bhnet. Com. br/OMT](http://www.Bhnet.Com.br/OMT), 1997.
- PRIMACK, R.B. **Essentials of conservation biology**. Sinauer Assoviates Inc. Publisher, Massachusette, USA, 1993. 564p.
- RODRIGUES DE LA GUARDIA, J.M. Estratégia para a Implantação do Ecoturismo. O Caso da Costa Rica. In: CONGRESSO NACIONAL SOBRE ESSÊNCIAS NATIVAS, 2, 1992, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Revista do Instituto Florestal, 1992. v.4, único.
- RUSCHEL, R.P. O Negócio da Nova Era. **Folha do Meio Ambiente**, Brasília, DF, dezembro-96 / janeiro, 1997. n.67. p.26.
- RUSCHMANN, D.V.M. **Marketing turístico: um enfoque promocional**. Campinas: Papirus, 1991. 124p.
- RUSCHMANN, D.V.M. Tendências para o desenvolvimento do turismo no Brasil até o Ano de 2002. **Turismo em Análise**, v.5, n.1, p.100-107, 1994.
- SILVA, L.L. **Ecologia: manejo de áreas silvestres**. Santa Maria: MMA, FNMA, FATEC, 1996. 352p.
- SILVA, P.T.E. **Plano de interpretação ambiental do uso múltiplo da Floresta Nacional de Passa Quatro, Minas Gerais**. Viçosa: UFV, 1988. 183p. Dissertação (Mestrado em Ciência Florestal) - Universidade Federal de Viçosa, 1988.
- TABANEZ, M.F., HERCULIANI, S. Lazer e Educação Ambiental em Florestas do Estado de São Paulo. In: CONGRESSO FLORESTAL BRASILEIRO, 6, 1990, Campos do Jordão. **Anais...** São Paulo: SBS/SBEF, 1990. v.1, p.64-68.
- TAKAHASHI, L.Y., MARTINS, S.S. O perfil dos visitantes de um Parque Municipal situado no perímetro urbano. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE ARBORIZAÇÃO URBANA, 3, Curitiba, 1990. **Anais...** Curitiba: Fundação de Pesquisas Florestais do Paraná, 1993. p.197-210.
- YASOSHIMA, J.R. **O Turismo e as normas ISO 9000: um caminho para a certificação da qualidade dos produtos e serviços**. **Turismo em Análise**, v.5, n.1, 1994. p.89-99.
- ZICO, J.T. **Caraça: peregrinação, cultura e turismo**. Belo Horizonte: São Vicente, 1982. 205p.
- ZICO, J.T. **Caraça: parque natural e arquivo do colégio**. Belo Horizonte, O Lutador, 1990. 212p.
- ZIMMERMANN, P. Caraça: sagrada geografia. In: **Parques de Minas**, suplemento do jornal Tribuna de Minas, 1996. v.4. p.24-36.

APÊNDICE

CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL DO VISITANTE DO CARAÇA

- 1) Ano de nascimento: Sexo: Ocupação:
Grau de escolaridade: Local onde reside:
 - 2) É a sua primeira visita ao Caraça?
 - 3) Qual o meio de transporte que você utilizou, desde a sua residência, para chegar até o Caraça?
 - 4) Como soube da existência do Caraça?
 - 5) Que fator ou fatores o motivaram a visitar o Caraça?
 - 6) Qual a importância da existência desta reserva (Caraça)?
 - 7) Você se visita outras áreas naturais?
 - 8) Quem o acompanha na reserva
- ## APÊNDICE
- 9) Você está visitando somente o Caraça ou também as localidades próximas (Café Azul, Santa Rita, Parque de Pesca, etc.)?
 - 10) Quanto tempo você pretende passar no Caraça (ou nas proximidades)?
 - 11) Como você está se comportando durante esse período (caso na pergunta anterior a resposta não seja não menos de uma noite)?
 - 12) Que tipo de excursões você está utilizando durante esse período?
 - 13) Qual é sua atividade principal durante sua permanência no Caraça?
 - 14) Quais os locais que você vai visitar quando visito ao Caraça?
 - 15) Você conhece de forma satisfatória as trilhas, para se orientar dentro do Caraça (trilhas, localização e destino)?
 - 16) Que tipo de infra-estrutura ou serviços você acha que está faltando ou pode ser melhorado no Caraça?
 - 17) Qual o seu gosto e comportamento neste passeio ao Caraça?
 - 18) Você considera este passeio um bom uso do seu tempo de lazer?

Figura 1A - Formulário utilizado na caracterização do perfil do visitante do Caraça.

APÊNDICE

CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL DO VISITANTE DO CARAÇA

- 1) Ano de nascimento: Sexo: Ocupação:
Grau de escolaridade: Local onde reside:
- 2) É a sua primeira visita ao Caraça?
- 3) Qual o meio de transporte que você utilizou, desde a sua residência, para chegar até o Caraça?
- 4) Como soube da existência do Caraça?
- 5) Que fator ou fatores o motivaram a visitar o Caraça?
- 6) Qual a importância da existência desta reserva (Caraça)?
- 7) Você já visitou outras áreas naturais?
- 8) Quem o acompanha neste passeio?
- 9) Você está visitando somente o Caraça ou também as localidades próximas (Catas Altas, Santa Bárbara, Barão de Cocais, etc.)?
- 10) Quanto tempo você pretende passar no Caraça (ou nas proximidades)?
- 11) Onde você está se hospedando durante esse período (caso na pergunta anterior a resposta não tenha sido menos de uma noite)?
- 12) Que tipo de hospedagem você está utilizando durante esse período?
- 13) Qual a sua atividade principal durante sua permanência no Caraça?
- 14) Quais os locais que costuma visitar quando vem ao Caraça?
- 15) Você obteve de forma satisfatória as informações para se orientar dentro do Caraça (opções, localização e acesso)?
- 16) Que tipo de infra-estrutura e/ou serviços você acha que está faltando ou pode ser melhorado no Caraça?
- 17) Qual o seu gasto aproximado neste passeio ao Caraça?
- 18) Você considera este custo alto para este tipo de lazer?

Figura 1A - Formulário utilizado na caracterização do perfil do visitante do Caraça.